



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



Aime Áurea de Fátima Borges Almeida Zequinão

APLICAÇÃO DE BIBLIOTERAPIA NO CENTRO EDUCACIONAL PADRE JORDAN

Florianópolis, 2010.

AIME AUREA DE FATIMA BORGES ALMEIDA ZEQUINÃO

**APLICAÇÃO DE BIBLIOTERAPIA NO CENTRO EDUCACIONAL
PADRE JORDAN**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Prof.^a Dr^a Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis, 2010.

Ficha catalográfica elaborada pela acadêmica Aime Áurea de Fátima Borges Almeida Zequinão do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Z57a Zequinão, Aime Áurea de Fátima Borges Almeida, 1959 –
Aplicação de biblioterapia no Centro Educacional Padre
Jordan /Aime Áurea de Fátima Borges Almeida Zequinão. –
2010.
63 f.

Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação,
Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

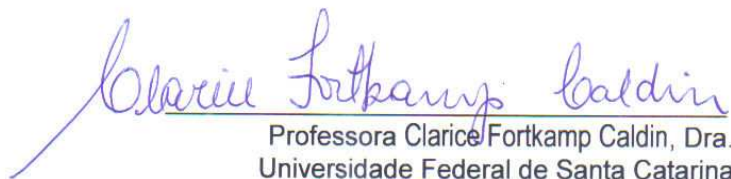
1. Biblioterapia. 2. Componentes biblioterapêuticos. 3. Leitura
na biblioterapia. 4. Narração na biblioterapia. I. Título.


CDD 18 ed. - 028

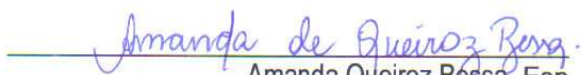
Acadêmica: Aime Aurea de Fátima Borges Almeida Zequinão
Título: Aplicação de Biblioterapia no Centro Educacional Padre Jordan

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências da
Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com nota 9.0

Florianópolis, 22 de fevereiro de 2010.


Professora Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora Orientadora


Felícia de Oliveira Fleck, Me.
Membro da Banca Examinadora


Amanda Queiroz Bessa, Esp.
Membro da Banca Examinadora

**A meu pai,
com todo meu amor.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, meu amigo inseparável, que me deu força, saúde, família, e amigos para me apoiarem nessa jornada.

À minha mãe, que sempre incentivou os meus estudos, e entendeu que nunca é tarde pra aprender.

Ao meu pai amado, saudade eterna.

Aos meus filhos Daniela, Lucas e Marcela, pelo apoio incondicional.

Ao anjo Manoela, pessoa fundamental no início da caminhada.

À Alini, amiga presente em todos os momentos.

À Professora Dr^a Clarice Fortkamp Caldin, pelas sugestões, observações críticas, pelo suporte e valiosas contribuições. Por sua excelência como orientadora.

À Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciência da Informação e ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, por proporcionar um ensino de qualidade.

Ao CEPAJÓ, nas pessoas da Irmã Catiane e professora Ana Paula, pelo apoio na realização desse estudo.

Aos colegas e professores que acompanharam e contribuíram com a minha formação. Especialmente as amigas Renilda, Eliane Neto, Paula, Raquel e Débora.

ZEQUINÃO, Aime Áurea de Fátima Borges Almeida. **Aplicação de biblioterapia no Centro Educacional Padre Jordan**. 2010. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RESUMO

A presente pesquisa buscou contribuir para o aprimoramento do conhecimento acerca da biblioterapia. O objetivo primário foi aplicar a atividade biblioterapêutica (por meio de leitura, narração, cantigas e desenhos de textos infantis que proporcionem efeitos terapêuticos) no Centro Educacional Padre Jordan. Abordou definições, histórico, metodologia e objetivos da biblioterapia. Expos os componentes biblioterapêuticos: catarse, identificação, projeção, introjeção, introspecção, afeto, diálogo e humor. Descreveu os encontros realizados com as crianças. Apontou a biblioterapia como um novo campo de atuação para o bibliotecário. Concluiu que a biblioterapia contribuiu para o bem estar das crianças do Centro Educacional Padre Jordan.

Palavras-chave: Biblioterapia. Componentes biblioterapêuticos. Leitura na biblioterapia. Narração na biblioterapia.

ZEQUINÃO, Aime Áurea de Fátima Borges Almeida. **Implementation of bibliotherapy in the Centro Educacional Padre Jordan**. 2010. 63 pg. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ABSTRACT

The present research searched to contribute for the improvement of the knowledge about the applicability of bibliotherapy , the primary objective was to apply the biblioterapeutic activity (through reading, storytelling, songs and drawings of children's text to provide therapeutic effects) in the Educational Center Padre Jordan. Discusse definitions, history, and methodology and goals of bibliotherapy. Exposes the biblioterapeutic components of catharsis, identification, projection, introjection, insight, affection, dialogue and humor. Describes the meetings with the children of class 14. Points to bibliotherapy as a new field for the librarian. Displays reading and narration in bibliotherapy. It is concluded that bibliotherapy has contributed to the welfare of children in the class in the Educational Center Padre Jordan.

Key-words:Bibliotherapy. Biblioterapeutic components. Read bibliotherapy. Storytelling in bibliotherapy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 DEFINIÇÕES, HISTÓRICO, METODOLOGIA E OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA	13
2.2 COMPONENTES DA BIBLIOTERAPIA	16
2.3 A LEITURA NA BIBLIOTERAPIA	23
2.4 A NARRAÇÃO NA BIBLIOTERAPIA.....	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	33
4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS.....	37
5 ANÁLISE DOS ENCONTROS	54
6 CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE – BIBLIOGRAFIA DAS OBRAS UTILIZADAS NAS ATIVIDADES DE BIBLIOTERAPIA.	62

1 INTRODUÇÃO

A situação da educação no Brasil é preocupante, a falta de investimentos na área educacional faz com que as pessoas fiquem cada vez mais distantes do livro. O poder aquisitivo da população brasileira é baixo, influenciando diretamente a educação, esse é um dos motivos de poucos terem acesso à leitura. O livro tornou-se um artigo de luxo para a maioria dos brasileiros.

Por esse olhar, faz-se necessário promover e planejar atividades que motivem as pessoas a ler. O bibliotecário pode atuar diretamente na mudança dessa realidade, promovendo atividades que despertem o prazer da leitura. Entre elas a biblioterapia. A palavra biblioterapia é derivada do grego “Biblion”, que significa todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e “Therapein”, que significa tratamento, cura ou restabelecimento. De acordo com Seitz (2000, p.17) “O primeiro dicionário especializado que definiu o termo biblioterapia foi o “Dorland’s Illustrated Medical Dictionary, em 1941, como o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa”. Existem muitas definições de Biblioterapia, que serão apresentadas no decorrer do estudo.

Grosso modo, é o bibliotecário que desenvolve atividades de biblioterapia. O bibliotecário precisa conhecer o público aonde irá aplicar a atividade biblioterapêutica, para poder contemplá-lo com um tipo de leitura que satisfaça as suas necessidades, sejam eles idosos, adultos, jovens, ou crianças. A principal preocupação, ao aplicar a biblioterapia, é buscar o bem estar do leitor/ouvinte, deixando-o à vontade e, também criar o exercício da leitura por prazer.

Os participantes de uma atividade biblioterapêutica possuem necessidades diferenciadas, de acordo com sua idade, seus temores, seus bloqueios emocionais. O bibliotecário que deseja aplicar a biblioterapia precisa ter sensibilidade para avaliar se os enredos se prestam às atividades biblioterapêuticas.

A biblioterapia compreende dois ramos: Biblioterapia Educacional ou de Desenvolvimento e Biblioterapia Clínica. De acordo com Witter (2004, p.181)

A Biblioterapia de Desenvolvimento, por meio de um trabalho sistemático de leituras, tem por objetivo promover o desenvolvimento do ser em aspectos os mais variados que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências

e habilidades específicas tais como cidadania, cognição, memória, afetividade etc. tem também caráter preventivo. A Biblioterapia Clínica, também chamada patológica, tem por meta usar técnicas associadas à leitura para resolver problemas biopsicossociais.

A escola é um ótimo lugar para aplicar a biblioterapia de desenvolvimento, pois trabalha com centenas de crianças e suas carências. Dentro desse contexto, esse estudo tem como objetivo geral aplicar a atividade biblioterapêutica (por meio de leitura, narração, cantigas e desenhos de textos infantis que proporcionem efeitos terapêuticos) aos alunos da 1ª série, turma 14 no Centro Educacional Padre Jordan (CEPAJO), e como objetivos específicos, proporcionar às crianças momentos prazerosos com humor e afeto; proporcionar uma maior interação entre as crianças; proporcionar a catarse, a identificação e a introspecção; incentivar a verbalização dos sentimentos; estimular a criatividade; despertar o interesse pela leitura.

O Colégio Nossa Senhora de Fátima, para executar o Projeto Social de Educação da Mantenedora, e também para atender a necessidade da comunidade criou, o CEPAJO no ano de 2005. O início das aulas aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2005, atendendo na época alunos de 1ª, 2ª; e 3ª série do Ensino Fundamental. Atualmente o CEPAJO atende 150 alunos, divididos em 6 turmas de 1ª a 5ª séries com faixa etária de 6 a 10 anos. O lema da escola é “Educar para a vida”. O CEPAJO é coordenado pelo Colégio Nossa Senhora de Fátima por meio de seus educadores e Irmãs. A escola conta com a parceria efetiva da Associação Santa Isabel (ASI), associação formada por um grupo de senhoras colaboradoras, que tem seus objetivos pautados na ajuda a crianças carentes.

O CEPAJO está localizado na Rua Coronel Caetano Costa, nº501, no bairro Coloninha, em Florianópolis – SC, e tem por finalidade atender alunos provenientes de famílias carentes da comunidade, razão pela qual o nome escolhido como padroeiro foi o fundador da Congregação Salvatoriana: Padre Francisco Maria da Cruz Jordan. Oriundo de família pobre e simples, mas batalhadora e fundamentada nos princípios cristãos sólidos, tornou-se exemplo vivo para esta comunidade escolar, sendo referência, especialmente para as crianças que hoje enfrentam semelhantes dificuldades de sobrevivência.

O presente estudo justifica-se por contribuir com o bem estar das crianças do CEPAJÓ, proporcionando-lhes por meio das atividades de leitura, momentos de descontração que fogem da rotina escolar. Justifica-se, também, por mostrar a biblioterapia como um novo campo de trabalho para o bibliotecário, e para divulgar a biblioterapia na área da Biblioteconomia.

A motivação pessoal para a realização desse trabalho foi o conhecimento que a formanda tinha sobre a escola. Durante dez anos a acadêmica participou como voluntária da Associação Santa Isabel, associação formada por mães de alunos do Colégio Nossa Senhora de Fátima, com o objetivo de ajudar as crianças carentes.

A acadêmica afastou-se da associação no ano de 2006 devido à falta de tempo, pois o ingresso na universidade e demais compromissos impossibilitavam continuar na mesma.

Na terceira fase do curso de Biblioteconomia a formanda teve o primeiro contato com a biblioterapia. O trabalho final da disciplina foi realizado numa creche, e a formanda teve a certeza que a biblioterapia seria o tema do seu trabalho conclusivo de curso. Decidido o tema, veio à lembrança das crianças do CEPAJÓ, crianças carentes, com diversos problemas familiares. Local indicado para a aplicação da biblioterapia.

A importância do bibliotecário numa escola fica nítida, pois a função dele vai além de facilitar o acesso à informação que o estudante precisa de maneira rápida e prática. O bibliotecário deve realizar atividades que aproximem a criança dos livros e a incentive à leitura por prazer. Despertar no estudante o exercício saudável da leitura é uma das atribuições do bibliotecário.

A biblioterapia conforme Nunes e Franco (200?, p. 09) “É um meio possível de unir as necessidades informacionais da sociedade com o papel social que o bibliotecário pode exercer por ser a informação essencial para o desenvolvimento intelectual, da sociedade”. A biblioterapia é um campo de atuação da Biblioteconomia que precisa de profissionais interessados. O bibliotecário tem um lugar especial na biblioterapia, cabe a ele e as escolas de Biblioteconomia explorar esse campo de atuação, aumentando as possibilidades no mercado de trabalho, sendo fator determinante a capacitação desse profissional.

O bibliotecário como aplicador da biblioterapia, é um profissional privilegiado por poder atuar de maneira a aliviar o sofrimento das pessoas, as tensões diárias,

diminuir o stress. Usar o livro não apenas como instrumento de trabalho, mas como instrumento de prazer e de crescimento. Ao aplicar a biblioterapia, o bibliotecário recebe e transmite experiências, entrando num processo de crescimento mutuo, por meio da leitura (PARDINI, 2002).

De acordo com Pinto (2008, p. 42):

Apesar das ameaças que as mudanças de paradigmas nos acenam, é preciso procurar caminhos, porém, junto às oportunidades e benefícios, em proveito da discussão sobre esse espaço fértil, a biblioteconomia, e do seu reconhecimento pela sociedade.

A biblioterapia é um novo caminho para o bibliotecário trilhar em benefício da sociedade, para isso ele precisa estar ciente do seu papel social, ter o espírito aberto e inovador, procurar criar alternativas de incentivo a leitura terapêutica, nos locais que julgar necessário .

De acordo com Correa et al. (2002, p.116) “o bibliotecário escolar tem uma tarefa difícil: cativar e conquistar o estudante e fazer com que este se sinta à vontade dentro da biblioteca escolar ”. Douglas (1971 apud Correa et al. 2002) afirma que “o bibliotecário deve compreender as crianças, saber conquistá-las, dirigi-las, ter espírito de curiosidade, animação, boa saúde, tato, entusiasmo, energia e saber lidar com adultos tanto quanto com criança.”

Conforme Caldin (2005b, p.164) “em um mundo em constantes mudanças, globalizado, não cabem mais os procedimentos ditos tradicionais. O bibliotecário tem de largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais.”

O bibliotecário, ao aplicar a biblioterapia, exerce o seu lado social, estimulando a aproximação do livro com as pessoas, despertando o leitor, estimulando o nascimento do interesse pelos livros, fazendo com que os leitores conheçam a força e os benefícios que a prática da leitura prazerosa pode trazer para a vida humana, independente da idade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura não é exaustiva, apresentando definições, histórico, metodologia, objetivos e componentes da biblioterapia, leitura na biblioterapia e narração na biblioterapia. Para o referencial teórico foram utilizados livros, e artigos de revistas científicas.

2.1 DEFINIÇÕES, HISTÓRICO, METODOLOGIA E OBJETIVOS DA BIBLIOTERAPIA

Quando se fala na função terapêutica da leitura, pensa-se logo em biblioterapia. A biblioterapia é um campo novo para a atuação do bibliotecário. Conforme a origem da palavra, biblioterapia significa terapia por meio de livros.

Para Orsini (1982, p.139) “Biblioterapia é a técnica que envolve a utilização da literatura para fins terapêuticos”.

Para a autora, biblioterapia é uma técnica. Concorde-se que exija determinados procedimentos sistematizados. Mas é também uma arte, pois implica criatividade e afetividade. Assim, a propriedade terapêutica da leitura é a biblioterapia, que alivia o sofrimento das pessoas, proporcionando bem estar espiritual e também físico.

Para Ouaknin (1996, p.198) "A biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro", que sublinha que o homem é um "ser dotado de uma relação com o livro". Essa relação do homem com a leitura faz com que o leitor compreenda o texto e se compreenda, pois ao interpretar ele começa a fazer parte do texto interpretado. A biblioterapia oferece práticas de leitura que proporcionam a interpretação dos textos.

Caldin (2001a, p.36) define “Biblioterapia como leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios”. Conforme Shrodes (apud CALDIN, 2001a, p.34,35) a biblioterapia “é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa que pode atrair as emoções do leitor e liberá-la para o uso consciente e produtivo.

A biblioterapia para o desenvolvimento pessoal precisa de apoio bibliográfico personalizado ou em grupo, sempre mediado por um profissional responsável, viabilizando assim uma crescente evolução (WITTER, 2004).

Na aplicação da biblioterapia de desenvolvimento além do bibliotecário, os profissionais envolvidos são os pedagogos, psicólogos educacionais e sociólogos. A biblioterapia é aplicada em locais como asilos, orfanatos, escolas, hospitais, presídios, fábricas, etc (WITTER, 2004).

Há muito se apregoa os benefícios da leitura. Inscrições descobertas nas bibliotecas medievais destacavam a leitura como finalidade terapêutica, já existia uma ligação entre a medicina e a leitura. As antigas civilizações valorizavam suas bibliotecas, considerando-as depósito de remédios para a alma. Portanto, a idéia da influência da literatura na psique humana não é nova (CALDIN, 2001b).

De acordo com Caldin (2001b) “A palavra biblioterapia foi utilizada pela primeira vez em 1916, num artigo intitulado Literatura Clínica, de Samuel Crothers”. Caroline Shrodes foi a primeira pesquisadora a discutir a leitura como recurso terapêutico, em sua tese de doutorado Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental, em 1949.

O método biblioterapêutico baseia-se na leitura, narração, cantigas e desenhos. Dentro de uma atividade biblioterapêutica, não existe cobranças, as atividades devem ser alegres e proporcionar encantamento. É um período para o lazer e descontração, esse encontro deve ser um momento especial e muito esperado pelos leitores/ouvintes..

O encontro do homem com o texto, ao entender que o livro não é apenas uma “coisa”, essa troca entre o leitor e o autor, pode ajudar o leitor a ter um melhor entendimento do mundo real.

Segundo Caldin (2001a, p.37) “Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento”. Assim o texto vai abrir os caminhos para as mais variadas interpretações e comentários, resultando na criação de novos significados, e diferenças. Ao ler, o indivíduo envolve-se com o texto, acaba compreendendo a mensagem da leitura, emocionando-se, e dessa maneira

aproximando-se mais de si mesmo. Para Caldin (2001^a, p.35) “a literatura de ficção é a mais indicada para garantir uma experiência emocional do leitor, efetivando a terapia de introspecção, capaz de efetuar mudanças”.

É necessário ler mais, contar histórias, falar da natureza, falar sobre sonhos, poesias, amor, lembranças, buscando sempre proporcionar momentos agradáveis para quem necessita melhorar o seu estado. Um pequeno gesto de atenção pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas (PARDINI, 2002). A prática da biblioterapia é uma ferramenta importante para construir a presença benéfica da leitura na vida das pessoas.

Orsini (1982, p.146) diz que os objetivos da biblioterapia são de nível “intelectual, social, emocional e comportamental”.

Assim, a biblioterapia auxilia o autoconhecimento pela reflexão, reforça os padrões sociais desejáveis, oferece um progresso emocional pelas experiências vicárias e auxilia nas mudanças comportamentais.

Caldin (2001a, p.33) destaca como objetivos da biblioterapia:

- a) Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para o problema;
- b) auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções alheias;
- c) ajudar o leitor a usufruir a experiência vicária;
- d) possibilitar a introspecção emocional, a identificação, a compensação e a catarse;
- e) diminuir a ansiedade pela satisfação das necessidades estéticas;
- f) aliviar as tensões diárias;
- g) ajudar na adaptação à vida hospitalar;
- h) facilitar a socialização pela participação em grupo;
- i) experimentar sentimentos e emoções com segurança;
- j) criar um universo independente da vida cotidiana;
- k) auxiliar e lidar com sentimentos como raiva ou frustração;

l) diminuir o stress.

Direcionando a biblioterapia para a infância, Caldin (2001a, p. 36) expôs como objetivos básicos da função terapêutica da leitura:

- a) Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se;
- b) proporcionar uma forma de as crianças perderem a timidez;
- c) proporcionar uma forma de as crianças exporem seus problemas emocionais e físicos.

De acordo com Caldin (2009, p.149) o escopo da biblioterapia é: “que a leitura, narração ou dramatização de um texto literário produza um efeito terapêutico ao moderar as emoções, permitir livre curso à imaginação e proporcionar a reflexão – seja pela catarse, identificação ou introspecção”.

2.2 COMPONENTES DA BIBLIOTERAPIA

Na atividade terapêutica deve-se tentar oferecer os componentes biblioterapêuticos como a catarse; identificação; projeção; introjeção; introspecção; afeto; diálogo; humor.

A respeito da catarse, há vários estudos conflitantes. Freire (1982 apud CALDIN, 2009, p.161) lista uma série de interpretações da catarse:

- a) Moderar as perturbações por meio da compaixão e do medo que a tragédia propicia;
- b) remover as emoções excessivas;
- c) realizar uma higiene psíquica, , como uma espécie de medicação homeopática sem objetivos morais;
- d) purgar as afecções com as mesmas afecções como um tratamento homeopático;
- e) exercitar o temor e a compaixão nos corações dos expectadores para os liberar e purificar destes mesmos afetos;
- f) moderar a dor nos infortúnios alheios que se passam na tragédia;
- g) extirpar os vícios da alma dos cidadãos purgando-os das paixões;

- h) reduzir os afetos à virtuosa temperança;
- i) purgar os humores do corpo para evitar ou curar enfermidades;
- j) purgar ou purificar as paixões da alma para a cura de suas doenças;
- k) purificar de tudo o que é sujo ou contaminado no ato trágico;
- l) reduzir o medo e a compaixão a seus justos termos;
- m) expulsar do coração humano o medo e a compaixão;
- n) reconhecer a inocência do herói;
- o) reconhecer a culpabilidade do protagonista;
- p) reduzir as paixões a um estado de moderação;
- q) passar da perturbação a ordem e ao equilíbrio;
- r) expurgar, por meio da compaixão e do terror, a ira, a avareza, a luxúria, ou seja remover as perturbações do espírito.

Entretanto, lembra Caldin (2009) que a grande maioria dos pesquisadores concorda que a catarse tem efeito purificador pois mexe com as emoções e depois, provoca o alívio. Assim, define a catarse como mantenedora do equilíbrio necessário à saúde mental, espiritual e física do ser humano; como um alívio do mal que interrompe o fluxo da saúde; um expurgo dos sentimentos traumáticos do leitor ou do ouvinte; como um meio de se livrar das tensões e ansiedades cotidianas por meio da narrativa ficcional; como a retirada do que é estranho à essência do ser humano (CALDIN, 2009).

A catarse é um elemento presente em quase todas as histórias. Originalmente atribuída apenas à tragédia, por Aristóteles, hoje se entende que seu alcance atinge qualquer gênero literário. É, de fato, uma purgação. Por isso os contos de fadas são os mais indicados, pois contém personagens como o lobo, a bruxa, o ogro que causam medo e que, ao ser vencidos, causam alívio ao leitor ou ouvinte. Também o enredo dos contos de fadas são catárticos, pois apresentam situações de grande tensão emocional, que, no clímax da história, são apaziguadas.

Cabe lembrar que a biblioterapia proporciona um alívio temporário que dura enquanto durar a história ou enquanto esta permanecer na lembrança do leitor ou do ouvinte. O importante é conseguir durante as sessões de biblioterapia, um alívio de nossos males.

Para isso, a escolha dos textos é primordial. Os textos devem ter uma boa composição dos fatos, um enredo instigante, que mexa com a imaginação e as emoções. As crianças são inteligentes, e textos pobres, além de não despertar interesse, não produzem a catarse.

Pode-se dizer que as histórias podem curar alguns males das crianças, porque geralmente os personagens apresentam problemas parecidos com os delas. As histórias têm o poder terapêutico, qualquer história pode ser terapêutica, depende do efeito que causará no leitor ou no ouvinte.

Trajano (2007, p.37) afirma que:

Em qualquer situação de conflito e rejeição vale a pena recomendar uma história para aliviar a dor da criança. O mundo imaginário é o mais poderoso dos mundos; se a criança consegue ser forte e corajosa nesse, então nos outros ela simplesmente emprestará essa imagem. As histórias conseguem entrar facilmente no imaginário da criança porque lidam com temas e símbolos constituintes do seu pequenino mundo.

A autora mostra que as histórias podem aliviar o sofrimento, dando um conforto em momentos difíceis, onde a esperança e a felicidade deixaram de existir. A criança encontra nos personagens das histórias companheiros que tem os mesmos problemas que ela, e quando os personagens vencem os conflitos e as crises, a criança sente a mesma alegria e o alívio dos mesmos.

Assim, a grande magia das histórias é provocar emoções e mexer com a imaginação das pessoas, sejam os personagens bons ou maus. Os defeitos dos personagens como a vaidade, a preguiça, a gula, a inveja, e muitos outros, encontrados nas histórias infantis, tornam os personagens quase reais. São esses defeitos que os tornam passíveis de identificação, outro componente biblioterapêutico.

De acordo com Roudinesco e Plon (1988 apud Caldin, 2009, p.168), identificação é o termo empregado em psicanálise para designar “o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.”

Sobre identificação Laplanche e Pontalis (1994 apud CALDIN, 2009, p.168) definem como sendo “o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um

aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. A identificação ocorre tanto pela projeção quanto pela introjeção.

Projeção é a transferência ao outro, de nossas idéias, sentimentos, expectativas e desejos (LUCAS; CALDIN; SILVA 2006). Segundo Laplanche e Pontalis (1994 apud Caldin, 2009, p.169) a projeção é “no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa - qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘ objetos’ que ele desconhece ou recusa nele”.

A seu turno, a introjeção é o processo inverso, ou seja, “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, apud CALDIN, 2009, p.169).

Assim, é como se o leitor ou o ouvinte da narrativa se transformasse em outra pessoa. Na biblioterapia essa transformação acontece por meio dos personagens fictícios. Os personagens têm o poder de comover ou impressionar, e no decorrer da narrativa suas atitudes e decisões vão possibilitando a identificação com o leitor ou ouvinte, que irá se apropriar do que estiver necessitando no momento, ou eliminar de si o que não gosta.

Segundo Caldin (2009, p.171) “É certo que nas crianças a relação de identificação é mais forte que nos adultos, haja vista que se encontram no estágio inicial de desenvolvimento social.”

Embora o processo de identificação ocorra mais facilmente com crianças, isso não é um privilégio delas, podendo ocorrer com adultos, jovens e idosos. A narrativa ficcional é permeada de sentimentos comum a todos, independente da idade do leitor ou ouvinte (CALDIN, 2009).

Uma idéia generalizada, é que a identificação ocorre só com o personagem principal da história. Os personagens secundários também têm as suas torcidas nas platéias, sejam eles bons ou maus. O porquê dessas escolhas não se sabe, mesmo porque a o processo de identificação é inconsciente. O importante é que a escolha feita tenha propiciado ao leitor colocar para fora emoções, trazendo o alívio desejado (CALDIN, 2009).

A criança ao escolher um personagem como o lobo mau, personagem forte, o que não tem medo pode estar tentando se fortalecer. A criança ao sentir-se

fragilizada, irá procurar a força que precisa no momento, em um personagem capaz de realizar grandes proezas (CALDIN, 2009).

Uma história é mais que um divertimento para a criança. Ao ouvir uma história a criança identifica-se com o personagem que mesmo enfrentando os mais difíceis problemas não desiste, lutando pela vitória, e quando a conquista, encontra finalmente a felicidade, pelo menos naquele momento.

Os contos de fadas por serem histórias de mudanças, onde os personagens buscam sempre modificar situações difíceis, proporcionam a identificação do leitor ou ouvinte. Cabe deixar claro que não somente os contos de fadas, mas qualquer história que dê destaque à imaginação e à transformação, poderá ocorrer a identificação.

Na biblioterapia, defende-se que essa identificação do leitor ou ouvinte com os personagens de ficção, permite ao leitor uma melhor compreensão dos seus problemas. Visto por meio das dificuldades que o personagem apresenta, o leitor consegue enfrentar os seus problemas de uma forma segura, sem se expor, e de maneira prazerosa.

Segundo Quaknin (1996, p.99) “A biblioterapia recusa a identidade como “mesmidade”, pois fixa o movimento do ser que está sendo e pensando.”

Sendo assim, a biblioterapia ao apropriar-se dos personagens de ficção, promove as mudanças, que o ser humano necessita para o seu desenvolvimento.

Foi dito que quando o leitor ou ouvinte admira o personagem, e apropria-se de suas qualidades acontece a identificação pelo processo de introjeção. A projeção ao contrario acontece quando o leitor ou ouvinte joga no personagem seus problemas, suas dores. Esses dois processos de identificação acontecem de maneira inconsciente.

Segundo Caldin (2009, p.187), quando o sujeito tem consciência de que o personagem apresenta os mesmo defeitos, ou qualidades suas, acontece a introspecção, que é “uma auto-observação, um processo mental consciente, um exame dos próprios pensamentos, desejos e sensações.” Para a autora, a introspecção é considerada terapêutica quando o sujeito muda o seu jeito de ser, ao verificar que as atitudes do personagem são parecidas com as suas, e que tais atitudes prejudicam a convivência em sociedade. Ao operar essa transformação, o leitor ou ouvinte sente-se muito melhor. Outro sentido terapêutico da introspecção acontece quando o leitor ou ouvinte percebe, por meio dos personagens, que ele

não é o único a ter defeitos. Ao reconhecer que todos têm defeitos, o sujeito aceita-se melhor e passa a entender melhor os outros.

Outro aspecto importante é o afeto terapêutico. O bibliotecário aplicador da biblioterapia deve criar uma relação de afeto com a criança, ganhar a sua confiança. Demonstrar para a criança, com gestos ou palavras, que ela é importante, enquanto conta história. Um simples olhar, um abraço afetuoso, um sorriso largo, irão demonstrar para a criança o carinho e a atenção que estão sendo dispensados a ela, isso fará com que se crie uma relação de amizade entre a criança e o bibliotecário. Essa relação amigável facilitará a verbalização de sentimentos, um dos objetivos da atividade biblioterapêutica (CALDIN, 2005).

Sendo assim, o componente afeto é indispensável numa atividade biblioterapêutica. O contato físico, na forma de toque afetuoso, abraços, beijos (sempre dentro dos princípios éticos) é fundamental porque é terapêutico. Uma palavra de consolo, um olhar cúmplice, um sorriso, pode fortalecer a relação de amizade entre as crianças e o aplicador de biblioterapia (CALDIN, 2009).

Logo, o bibliotecário aplicador da biblioterapia deve demonstrar alegria em desenvolver as atividades, atenção e interesse nas conversas com os participantes após as leituras. São essas conversas que irão construir a relação entre o narrador e o ouvinte, as conversas irão revelar se algo aconteceu, se o ouvinte foi tocado de alguma maneira pela história.

Sobre o diálogo Caldin (2001a, p.37) afirma que:

A linguagem em movimento, o diálogo, e o fundamento da biblioterapia. O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar a sua verdade e ter sua visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento.

Dito de outra maneira, o diálogo significa que eu falo e o outro me escuta, o outro fala e eu escuto, significa eu abdicar da minha centralização e ceder espaço para o outro ocupar a posição central. Sem essa descentralização, não há diálogo, somente o monólogo (CALDIN, 2009).

Por isso, um fator essencial na atividade biblioterapêutica é a conversa logo após a contação da história, criando um espaço para a troca de idéias, sentimentos, verbalização de medos, lembranças e ansiedades. Isso só acontecerá se foi criada a relação de amizade entre o aplicador de biblioterapia e o público-alvo.

Portanto, durante a aplicação da biblioterapia para crianças, nas bibliotecas ou em sala de aula, é preciso dar oportunidades para as crianças conversarem sobre a história lida, ou qualquer outra forma de manifestação (desenho, gestos, olhares), que elas tiverem. Observar nas conversas o que se revela sobre o lado emocional das crianças, provocado pela contação ou leitura da história, é função do aplicador da atividade biblioterapêutica.

Outro componente biblioterapêutico é o humor. Histórias engraçadas que provoquem o riso são exemplos de possibilidades terapêuticas por meio da leitura.

Caldin (2001a, p.38) diz que “Ao buscar em Freud apoio teórico para a compreensão do humor, observa-se que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer.”

Freud (1969 apud Caldin, 2001a, p. 38) diz que o “humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do super ego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor. ”

Para Caldin (2005a, p.15)

Freud usa a palavra humor no sentido alemão que é mais restrito que o inglês e o francês – como sendo uma atitude que leva o sujeito a se prender ao objeto do seu humor. É a auto-mofa que, que pode se transformar numa postura na vida face aos acontecimentos desagradáveis que acontecem habitualmente. Assim o homem munido de senso de humor se coloca acima de sua própria condição e considera os infortúnios com certo desinteresse.

Assim, qualquer conto que provoque o riso, é indicado nas atividades biblioterapêuticas, pois o humor é benéfico para a saúde. A literatura infantil contemporânea, tanto a estrangeira como a brasileira, é muito rica em humor e pode ser utilizada sem parcimônia na biblioterapia.

Para concluir: de acordo com Gutfreind (2004, p.1) “Era uma vez um símbolo. Era uma vez uma metáfora... As histórias representam uma importante contribuição para a estrutura emocional de crianças e adultos.”

A história é um recurso utilizado pela criança, para imaginar para si mesma outra história, onde a sua vida será menos dura e mais feliz.

Caldin (2009, p.183) lembra que a “a ficção não é inimiga, apenas concorrente da realidade: quer dizer, tem seu momento e seu espaço. A ficção complementa o mundo.”

Assim, a ficção permite que o leitor possa vivenciar por meio dos personagens, as aventuras que no seu dia-a-dia são impossíveis de realizar. Possibilita ainda, a catarse e a introspecção, pois a leitura induz o leitor a ir além do que está escrito, em uma viagem prazerosa e, por isso mesmo, terapêutica.

2.3 A LEITURA NA BIBLIOTERAPIA

Leitura é a arte ou o ato de ler. A leitura torna possível obter uma grande parte dos conhecimentos reunidos pela humanidade. Por meio da leitura pode-se sentir as mais diversas emoções, desenvolver a imaginação e o raciocínio crítico. Mas ler não é fácil, é uma tarefa trabalhosa. Com tanta tecnologia disponível, é muito mais fácil ver televisão, ou jogar um vídeo game. Ler implica em concentração, em tempo, e domínio sobre a língua. Por meio da leitura pode-se ter acesso a textos de pessoas que já morreram como Shakespeare ou Dewey, ou a textos recentes através de revistas e jornais. Com a leitura pode-se desvendar outros costumes, conhecer histórias diferentes, compreender o verdadeiro significado da palavra diversidade.

Falando sobre a leitura Caldin (2009, p.120) afirma que:

O leitor faz as configurações que lhe apraz dependendo da percepção sensível que o objeto lhe despertou. Some-se a isso o fato de as lembranças e as expectativas do leitor ser ativadas no momento da leitura. Ora, tem-se, então, uma experiência do tempo. Essa experiência permite, na leitura, retomar o passado e o futuro no ‘agora’. Tal retomada pode ser terapêutica se o leitor inferir significações que, no momento mesmo da leitura, produzam um sentimento de bem-estar, forneçam-lhe uma sensação de equilíbrio e de leveza, lhe dêem prazer, propiciem o esquecimento dos males, façam-no conviver com o outro, seja esse outro o autor ou a personagem ficcional, pois defendo que a saúde não é apenas uma característica biológica, ela abrange, também, as relações interpessoais. Muito embora o sentido original do texto permaneça

(pois está cristalizado no texto pelo autor), o leitor cria novos sentidos na medida em que se move dentro do texto, na medida em que seus pontos de vista se modificam, na medida em que vai interpretando o texto de acordo com suas vivências.

Ler por prazer. O prazer da leitura é algo pessoal, infelizmente são poucas as oportunidades de resgatar o prazer da leitura. Escolas fundamentais e universidades não mostram a leitura como algo que proporciona prazer. A leitura tem fortes concorrentes, a televisão, e computador são elementos fortes, que ajudaram a colocar a leitura em segundo plano. É preciso resgatar o prazer de ler, a leitura feita com prazer traz benefícios incomparáveis para o ser humano.

Segundo Bloom (2001, p.25):

Lemos, intensamente por várias razões, a maioria das quais conhecidas: porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade: porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida. Contudo o motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler, com seriedade, o cânone tradicional (hoje em dia tão desrespeitado), é a busca de um sofrido prazer.

A escola, mais especificamente, a biblioteca escolar, deve fomentar esse prazer. Ler para crianças é uma atividade divertida, onde estão presentes componentes como magia, fantasia e imaginação. A infância pode ser um tempo marcado pelo encantamento, pela imaginação fértil, imaginação livre de preconceitos, de negativismos e de limitações. A pureza, o arrojo, que temos na infância, marcam de uma maneira que não se pode apagar, por toda a vida. É uma época de nossas vidas que tem cheiro, cor, som e gosto próprios, componentes esses que de forma consciente ou inconsciente, perseguimos por toda a existência.

Segundo (Chalita, 2005, p.09) “Muito dessa beleza e dessas qualidades da infância é adquirido e aprimorado por meio das histórias que, quando crianças, ouvimos de nossos familiares”. É difícil imaginar viagens, aventuras, medos, receios imaginários, fundamentais para o nosso crescimento intelectual e emocional, sem o passaporte mágico dessas histórias. As histórias permitem ao leitor/ouvinte, viajar e criar mundos incríveis, repletos de seres extraordinários, e de sensações únicas.

Infelizmente, alguns pais agem como se a mente das crianças fossem iguais a de um adulto, esperando das crianças uma compreensão da vida e do mundo, como se essas idéias não tivessem que se desenvolver lentamente como o corpo e a mente. A criança precisa se desenvolver passo a passo, para se entender melhor e encontrar o significado da vida. Quando temos a idéia de que estamos enriquecendo a nossa vida, mas isso se torna uma promessa vazia quando as histórias que uma criança lê ou ouve são inexpressivas. Uma história para prender a atenção de uma criança, precisa despertar a sua curiosidade (BETTELHEIM, 2007).

Bettelheim (2007, p.11) diz que para enriquecer a vida de uma criança a história:

Deve estimular a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro.

Os contos de fadas são excelentes para a leitura terapêutica, por meio deles a criança pode apreender sobre os problemas dos seres humanos, e encontrar soluções para as dificuldades encontradas na sociedade. Esse tipo de história é o mais compreensível para uma criança. A vida é complexa para a criança, é preciso dar a essa criança a oportunidade de se entender melhor. A criança precisa de ajuda para entender os seus diversos sentimentos. (BETTELHEIM, 2007).

Por meio dos contos de fadas lidos ou narrados as crianças conseguem conhecer melhor os seus problemas interiores.

De acordo com Bettelheim (2007, p.12, 13) :

Os contos de fada transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, seja em que nível for que cada uma esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliviam as pressões pré-consciente e inconscientes. À medida que as histórias se desenrolam, dão crédito consciente e

corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las que estão de acordo com as exigências do ego e do superego.

Os trabalhos contemporâneos sobre literatura destacam a prática da leitura, que não pode mais ser vista apenas como uma decodificação de sinais. Também: a leitura, além de ser vista como uma função pedagógica e social é vista ainda como função terapêutica. Uma das funções da leitura como prática terapêutica é a moderação das emoções, ou seja, a catarse.

Assim, as histórias infantis divertem, ajudam a criança a se conhecer melhor e, favorecem o desenvolvimento de sua personalidade. A história infantil é a obra de arte mais compreendida pela criança. De acordo com a fase da vida da criança, as suas necessidades e interesses no momento, a interpretação da história será diferente. O bibliotecário ao fazer uma leitura de histórias, deve ficar atento às reações das crianças, se a mesma não se sentir atraída pela história, isso pode representar que o tema não teve nenhum significado nesse momento da sua vida. É melhor então na próxima atividade escolher outro tipo de história. Ao ler histórias infantis é sempre melhor seguir as reações das crianças. Isso vale também para a narração.

2.4 A NARRAÇÃO NA BIBLIOTERAPIA

A narração é um exemplo de arte que faz parte do ser humano. Narrar histórias é uma das artes mais antigas do mundo. Ninguém sabe qual foi a primeira história contada, nem quem a narrou. Sabe-se que a fonte natural das histórias é o povo, que ao sentir necessidade de explicar fatos que lhes causavam medo, admiração, e a necessidade de transmitir aos outros valores, costumes, crenças, os feitos de seus heróis e guerreiros, acabaram criando situações, sonhos, lugares e transformando em histórias e lendas que foram repassados de geração a geração, por meio da narração.

A transmissão desses conceitos por meio das histórias deu-se de forma oral, tornando impossível identificar sua origem. Como saber então de onde vieram as histórias? Simples, de todas as partes do mundo. E quem as contou pela primeira vez? O povo. Sendo assim. As histórias passadas de boca a boca não são de ninguém, pertencem a todo mundo.

Antigamente na época do Brasil colonial, não havia energia elétrica, as histórias eram contadas nas cozinhas da casa grande, no quarto das crianças, ou em volta de uma fogueira. Muito do nosso folclore nasceu dessas reuniões.

Trajano (2007, p. 27) nos lembra que:

Era sempre a oralidade o elemento fundamental da contação de histórias. Não havia livros com figuras. A imaginação fluía. Era olho no olho. O improviso era uma arte e dava um sabor especial à história. O contador de histórias era um verdadeiro mestre da narrativa. Conhecedor das mais diversas histórias passadas de geração em geração guardava tudo na memória. O mais interessante de tudo isso, era a forma como o contador de histórias se deixava levar pela contação: uma coisa que parecia muito risonha ou amedrontadora. Por exemplo, o contador não demonstrava nenhum sinal de riso ou medo, contando a história naturalmente. Enquanto, as crianças riam ou se assustavam o contador estava lá, tranquilo, apenas narrando a história.

As avós contadoras de histórias não se preocupavam em contá-las toda certinhas, mesmo porque muitas histórias eram inventadas na hora. Os enredos das histórias contavam o cotidiano misturados com muita imaginação. Cada contador tinha o seu modo de contar a história, o seu próprio linguajar, onde sempre procuravam tirar a responsabilidade da história contada usando termos como “foi meu avô quem contou” ou “dizem que é verdade”.

A invenção da escrita trouxe mudanças para a narração. Os narradores deixaram de exercitar a memória, valendo-se dos livros para recordar o que esquecem.

De acordo com Fleck (2007, p.220) “o contador de histórias tradicional, [...] é aquele que faz uso da oralidade primária”; e Fleck (2007, p.220) continua “O contador de histórias do século XXI apresenta seu trabalho por meio de espetáculos de narração oral, performances artísticas elaboradas, com o domínio de técnicas corporais e vocais e critérios de seleção para a escolha de histórias”.

Trajano (2007, p.16) concorda afirmando que:

Diferente dos antigos narradores que desconheciam a escrita e guardavam tudo na memória, atualmente os narradores se valem dos diversos recursos oferecidos para escrever o que sabem na tentativa de manter vivo o saber. As histórias são reeditadas e não mais recontadas. Passam de pais para filhos as bibliotecas. Eis que

surge a importância primordial do contador de histórias que traz o leitor solitário para as rodas de contação de histórias. Assim os mitos, as lendas, as fábulas, as parábolas, os contos de fadas e as histórias realistas permanecem vivos na oralidade e na escrita.

Vive-se em sociedade, onde costumes e tradições vão se perdendo ao longo dos tempos. Mas a arte de contar histórias é uma tradição que resiste, apesar de modernizada para atender a nossa época, guarda a essência de seu começo, transmitindo conhecimentos, mitos, lendas de geração em geração. A continuidade dessa tradição se deu graças às avós, tios, pais, que nunca deixaram de contar histórias as suas crianças. Enquanto houver uma criança querendo ouvir uma história, haverá alguém para contar.

Sisto (2001, p.25) afirma que:

Uma história é feita na cabeça do ouvinte, pela construção de expectativas, frustrações, reconhecimentos e identidades. Uma boa história sabe operar isso de maneira a adiar e prolongar o prazer para um outro tempo preciso; e tirar da sua forma, da sua própria construção um prazer ainda maior. E uma história estimulante pode apresentar toda sorte de construção”; e continua “ o contador de histórias é também aquele que descobriu que brincar com as palavras é prazeroso.

Mas é preciso ficar atento ao tipo de público que se apresenta, e escolher histórias ditas sem fronteiras, que irão encantar todo tipo de platéia.

Sisto (2001) explica que para ser um bom contador de histórias é preciso experiência, deve-se contar e recontar as histórias tantas vezes se faça necessário. A repetição é que traz o aprimoramento, recontar uma história, acrescentando sempre algo de novo, não a torna cansativa. Histórias antigas ou novas, o importante é o valor da repetição da história.

O sucesso de uma contação de histórias depende muito da simplicidade do narrador, mas não confundir simplicidade com desleixo. A simplicidade necessária é aquela que vem da naturalidade, a que produz uma sensação de bem estar, a que nos faz viajar sem preocupações. A simplicidade verdadeira conquista o público, porque o narrador não precisa fazer esforço, e essa aparente falta de esforço revigora o público (GIRARDELO, 2004).

As habilidades de um narrador ao contar histórias são aprimoradas com a prática. A simplicidade ao realizar uma contação, o interesse por leitura, e a vontade de transmitir ao público as emoções das histórias são quesitos indispensáveis a um bom narrador.

O homem primitivo formou um verdadeiro tesouro ao guardar e conservar lembranças e fatos que jamais perderão seu valor. Exemplo disso são as histórias da vovó que encantam crianças e adultos do mundo todo até hoje: Cinderela, A Bela Adormecida, Branca de Neve, Rapunzel e tantas outras que continuam sendo narradas e encantam.

Todo tipo de narrativa seja conto, crônica, novela ou romance, conta uma história. A história tem um enredo, que é aquele que liga os fatos; personagens principais que movimentam a história; personagens secundários que aparecem uma ou duas vezes na história, só para compor a cena; espaço, que é o lugar aonde a história acontece; tempo linear ou psicológico, através do qual transcorre a história. Para que uma narração tenha uma aparência de verdade, mesmo não sendo verdade, esses elementos devem estar cuidadosamente combinados.

A arte de contar histórias não é tão simples, é muito mais difícil do que parece. Girardello (2004, p.27) justifica:

Primeiro porque o narrador é o responsável por todo o drama e também pela atmosfera que o cerca. Ele precisa viver a vida de cada personagem e entender a relação de cada um com o todo. Segundo, porque trabalha com um palco em miniatura, ao qual os gestos e movimentos devem se ajustar para que não se destrua o senso de proporção.[...]Estou tão profundamente convencida do caráter miniaturístico da arte da narração de histórias que acredito ser impossível fazer uma apresentação perfeita desse tipo em um enorme salão ou diante de um público muito grande”.

A principal tarefa do narrador é estimular a aproximação do livro com o ouvinte ou leitor, despertando o interesse, principalmente nas crianças que estão começando a ler. Nesse contexto a narração de histórias é uma ferramenta importante na formação de leitores. Narrar histórias é uma atividade coletiva, que requer uma relação afetiva entre os participantes, sempre tendo o livro como elo.

A narração, diferente do teatro, não tem os recursos cênicos. Assim, um artifício que o narrador pode usar para prender a atenção do ouvinte é a arte da

pausa. Isso pode parecer algo desnecessário e banal, mas é um recurso simples e eficiente. Outro meio para prender a atenção do público é o uso do gesto, mas sem abuso, o gesto deve ser sutil. Em uma narração de histórias para crianças pequenas o uso da mímica é recomendado. Imitar vozes ou sons é uma alegria para os ouvintes, mas esse artifício deve ser usado por pessoas que tenham algum talento nessa arte, para que os sons não saiam grotescos e acabem por afastar as crianças. A cooperação é um recurso muito eficiente com as crianças, antes de começar a narração convidar as crianças para cooperar garante a atenção desejada. De certa forma, mesmo sem os recursos técnicos, o narrador é um ator.

Girardello (2004, p.92) afirma que:

Narração oral é sempre um exercício cênico. Mesmo que não se ocupe o espaço “sagrado” do teatro e do palco. Mesmo que se conte sentado ou de qualquer outro jeito. Seja qual for a posição que se assuma para contar, ela deve estar a serviço da melhor funcionalidade da história. E funcionalidade aqui significa “dar um estatuto literário” ao texto oral, transformá-lo em “objeto” de arte, dizê-lo com todas as nuances possíveis, fazê-lo chegar ao ouvinte como uma labareda (e isso não exclui o humor! Labareda pode ser chicote, pode ser cócegas!) Converter o narrar num espetáculo.

Mas é preciso estar ciente de que é necessário tempo para um narrador se tornar profissional. A prática, o entusiasmo, a entrega, a concentração são componentes que fazem a diferença na carreira de um narrador.

Narrar histórias faz parte da cultura de um povo. Quando as pessoas ouvem “*Era uma vez...*” preparam-se para viajar para um mundo maravilhoso. Impressiona a força que essas três palavras possuem, ao serem pronunciadas um encanto acontece, e, adultos, jovens, crianças, não importa a idade são hipnotizados, e ficam na espera que o narrador desenrole a trama.

Mas qual o mistério de todo esse encantamento? Talvez porque ao ouvir uma história as pessoas reflitam sobre a vida, a morte, escolhas e atitudes tomadas, dores, perdas, alegrias, esperanças. E porque as histórias são uma necessidade tanto para a criança, como para o adulto.

Preparar a história requer uma grande concentração, mesmo que o narrador não tenha muito tempo, é importante que esse tempo disponível seja todo concentrado no assunto que vai ser narrado. O narrador de histórias tem um papel importante no processo de formação de leitores. As habilidades de um narrador ao

contar histórias são aprimoradas com a prática. A simplicidade ao realizar uma contação, o interesse por leitura, e a vontade de transmitir ao público as emoções das histórias são quesitos indispensáveis a um bom narrador.

O narrador e o ouvinte ao começar uma história precisam estar disponíveis, é preciso existir uma entrega mutua, mas para haver essa entrega é necessário afeto, confiança, amorosidade. De certa forma quando o narrador inicia a sua atividade, ele está assinando um acordo oral com o ouvinte, que por seu lado está esperando tudo aquilo que o narrador é capaz de projetar. O vínculo que existe entre o narrador e o ouvinte é muito frágil, e necessita de renovação o tempo todo, uma palavra errada, gestos inesperados podem causar grandes estragos (GIRARDELLO, 2004).

Segundo Cury (2003, p.48.) “Contar histórias amplia o mundo das idéias, areja a emoção, dilui as tensões”. Contar histórias, ser corajoso para mudar, ser criativo, estimular a criança a vencer seus temores, são características esperadas do bibliotecário que vai aplicar a biblioterapia. Contadores de histórias são vendedores de sonhos. Fazer uma criança sonhar é ter um tesouro que muitos reis procuraram e não conquistaram. (CURY, 2003).

O ato de contar história passa uma idéia de aconchego, o ouvinte sente-se protegido e deixa fluir as emoções, essa entrega do ouvinte pode deixá-lo vulnerável (GIRARDELLO, 2004). Nesse momento a ação terapêutica da biblioterapia, certamente deixará o ouvinte mais fortalecido com a experiência.

Essa vulnerabilidade do ouvinte ocorre da paixão que o narrador coloca no que está fazendo, essa entrega mutua cria um convívio vibrante, onde o ouvinte sabe, e permite ser levado por uma narrativa ilusionista, onde ele cria e participa ativamente da história que ouve (GIRARDELLO, 2004).

O contador de histórias traz dentro dele uma voz, que talvez tenha ficado muito tempo escondida, mas ao encontrar um espaço vem com força total. Essa voz pode ser da avó, da professora, da mãe, é a lembrança que vem da infância, das histórias contadas na cama da avó, em noites chuvosas.

Falando dessa voz adormecida Sisto (2001, p.40) diz que “[...] é aí que reside à raiz, e é dela toda culpa por nos ter inoculado a necessidade da ficção. O eco que ainda vibra vem cauteloso e forte quando tocado de novo”; e ainda afirma “ Prefiro

acreditar que essa voz do passado perdida-achada dentro de nós é que nos faz querer contar !”

Contar histórias além de ser uma atividade prazerosa, cria laços de afeto entre as pessoas envolvidas. De acordo com Trajano (2007, p.06) “É uma atividade que faz bem ao coração e à alma, proporcionando ao contador uma vida com mais amor, seja ela por parte das crianças ou por parte do seu amor pelas histórias.”

O amor é indispensável para um contador de histórias, o amor pelo seu público e pelas histórias, crianças são espertas e sentem quando o contador não gosta delas. O amor tem que ser imparcial, sem fazer diferenças entre as crianças, pois em todas as classes sociais existem crianças tímidas, peraltas, hiper ativas, e o contador deve dar atenção igual a todas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o presente estudo, optou-se pela pesquisa exploratória. De acordo com Gil (1991, p.45)

A pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Dentro desse contexto, realizou-se uma pesquisa exploratória, na forma de pesquisa bibliográfica, estudo de caso e pesquisa de campo.

Andrade (1994, p.114) falando sobre pesquisa bibliográfica afirma que:

Além de proporcionar uma revisão sobre a literatura referente ao assunto, a pesquisa bibliográfica vai possibilitar a determinação dos objetivos, a construção das hipóteses e oferecer elementos para fundamentar a justificativa da escolha do tema. Através do levantamento bibliográfico obtêm-se os subsídios para elaborar um histórico da questão, bem como uma avaliação dos trabalhos publicados sobre o tema.

Assim, a pesquisa bibliográfica é o passo inicial para uma investigação, após a escolha do assunto é necessário fazer uma revisão sobre o que foi escrito sobre o tema da pesquisa.

Sobre estudo de caso Gil (1991, p. 58) diz que

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados.

Uma das vantagens do estudo de caso é que ele pode ser implementado por um único pesquisador.

Andrade (1994, p. 111) falando sobre pesquisa de campo diz que:

O desenvolvimento de uma pesquisa de campo exige um planejamento geral e um plano específico para a coleta de dados,

bem como um relatório descrito das várias etapas da pesquisa, incluindo os resultados obtidos.

Minayo (1999, p. 62) observa que é necessário para a ação da pesquisa de campo

o delineamento de algumas estratégias. Sobre o registro das falas dos atores sociais que participam da investigação, observamos que é possível trabalharmos com um sistema de anotação simultânea da comunicação ou fazermos uso de gravações. Fotografias e filmagens se apresentam também como recursos de registro aos quais podemos recorrer. Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar situações que ilustram o cotidiano vivenciado.

Todas as atividades biblioterapêuticas realizadas no CEPAJO, bem como a reação dos alunos, foram registradas por meio de gravações e anotações.

Ainda sobre pesquisa de campo Minayo (1999, p. 64) diz que:

O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano. O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho.

Segundo Andrade (1994, p.109) a “observação direta intensiva baseia-se nas técnicas de observação propriamente dita”. Andrade(1994, p.110) continua, citando as modalidades de observação direta intensiva:

- a) sistemática – quando planejada , estruturada;
- b) assistemática – não estruturada;
- c) participante – quando o pesquisador participa dos fatos a serem observados;
- d) não participante – o pesquisador limita-se à observação dos fatos;
- e) individual – realizada por um pesquisador apenas;
- f) em equipe – pesquisa desenvolvida por um grupo de trabalho;
- g) na vida real – os fatos são observados “em campo” ou em ambiente natural;
- h) em laboratório – os fatos são estudados em salas, laboratórios, ou seja, em ambiente artificial, embora o pesquisador procure, muitas vezes, reproduzir o ambiente real do fenômeno estudado.

Nesse estudo foi feita observação direta intensiva assistemática, participante, individual e na vida real, visando desenvolver as atividades propostas no projeto.

A abordagem foi qualitativa, pois o objetivo do estudo é observar as crianças individualmente e em grupo, dispensando-se os dados estatísticos.

De acordo com Rodrigues (2007, p.9) na pesquisa qualitativa

- a) As informações obtidas não podem ser quantificáveis;
- b) os dados obtidos são analisados indutivamente;
- c) a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

De acordo com Andrade (1994, p.124)

A coleta de dados constitui uma etapa importantíssima da pesquisa de campo, mas não deve ser confundida com a pesquisa propriamente dita. Os dados coletados serão posteriormente elaborados, analisados, interpretados e representados graficamente. Depois, será feita a discussão dos resultados da pesquisa, com base na análise e interpretação dos dados.

A coleta de dados foi obtida por meio de observação do comportamento das crianças. Também foi feita a descrição e análise da reação do grupo de crianças da turma 14 do CEPAJÓ, buscando uma maior compreensão do assunto pesquisado.

Nas atividades biblioterapêuticas do CEPAJÓ, a formanda contou histórias previamente selecionadas, de acordo com a faixa etária do público-alvo. As histórias foram lidas e narradas. Artifícios como pausa e cooperação foram usados com as crianças na narração das histórias.

Conforme Coelho (2000, p.32) “Para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes, está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil.”

Depois da leitura ou narração, havia uma conversa com as crianças sobre a história contada.

Foram realizadas dez sessões de biblioterapia, sendo uma por semana, com duração de 60 minutos cada uma.

A população estudada foi composta por 23 crianças (6 anos de idade), matriculadas na primeira série, no período vespertino.

4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

O primeiro contato da aplicadora das atividades de biblioterapia com a diretora do CEPAJÓ, Irmã Catiane foi para saber da possibilidade de se aplicar a biblioterapia com crianças na faixa etária de seis anos. A diretora mostrou-se interessada e, pediu um pré-projeto que seria avaliado pela Irmã Inês, diretora do Colégio Nossa Sra de Fátima (que mantém o CEPAJÓ).

O pré-projeto foi entregue, e aprovado. Foi decidido que a turma seria a 14, com 23 crianças, (6 anos de idade), da primeira série, do horário vespertino. A acadêmica solicitou uma lista com o nome dos alunos, para a confecção de crachás, o que facilitaria a identificação das crianças nas atividades de biblioterapia.

Foi marcado com a professora Ana Paula, uma visita a sala de aula para uma rápida apresentação. As crianças esperavam a formanda com curiosidade e animação. A professora apresentou a acadêmica, que nesse primeiro momento começou uma conversa com os alunos sobre suas preferências de leituras, sobre quem contava histórias ou lia para eles em casa, procurando identificar o grau de interesse pela leitura, e sempre perguntando o nome da criança que estava respondendo.

As preferências apontaram para histórias com bruxas, fadas e animais. Na maioria das vezes quem lia em casa para eles era a mãe, seguido da avó, e algumas crianças disseram que liam sozinhas. A pesquisadora indagou se as crianças gostariam de perguntar alguma coisa. Alguns alunos levantaram a mão e fizeram seus questionamentos como: Quantas vezes por semanas eles iriam ouvir histórias? Se a pesquisadora dava aulas? Se ela conhecia os livros de histórias que ficam na sala de aula?

Para preservar a identidade das crianças, optou-se pelo uso de letras do alfabeto. No caso de mais de uma criança ter seus nomes iniciado com a mesma letra, o critério adotado foi utilizar após essa, um numeral. Por exemplo: B1.

Quando acadêmica começou a despedir-se, uma das alunas levantou a mão e, perguntou se ela já estava indo embora. A resposta foi afirmativa e a menina A1 disse que era uma pena, porque ela havia adorado a narradora. Todas as crianças

manifestaram o desejo de começar as atividades naquele momento. A aplicadora explicou às crianças que as atividades de leitura começariam em uma semana.

A atividade foi desenvolvida uma vez por semana, sempre com o mesmo grupo de crianças do primeiro ano, turma 14 do CEP AJÓ.

As atividades biblioterapêuticas foram realizadas na sala de mídia, e no pátio do CEP AJÓ. Em alguns encontros foram lidas mais de duas histórias, porque eram histórias resumidas, e havia tempo disponível.

A seguir, o relato das atividades realizadas nas dez semanas de encontros com as crianças, e as impressões observadas através do método biblioterapêutico da leitura, narração, desenhos e cantigas. Em todos os encontros a leitura/narração de histórias foi realizada pela formanda Aime Áurea de Fátima Borges Almeida Zequinão, daqui em diante denominada narradora, formanda, acadêmica, pesquisadora, aplicadora das atividades biblioterapêuticas.

a) 1º ENCONTRO

No primeiro encontro a narradora encontrou as crianças na sala de aula, todas estavam ansiosas a sua espera, e a recepção foi marcada por várias demonstrações de carinho. A professora Ana Paula fez uma apresentação formal, e todos seguiram em direção à sala de mídia. A atividade foi iniciada pela narradora com a entrega dos crachás. Todos os alunos foram chamados pelo nome, e ficaram entusiasmados com seus crachás. Meninas com crachá rosa, e meninos com crachá azul.

As crianças estavam bem animadas com a novidade, e foi nesse clima, sentados em círculo no chão, que a narradora iniciou as atividades contando sobre a existência de uma música que chamava boas histórias. De imediato as crianças pediram para aprender a música, no que foram prontamente atendidas. A narradora começou a cantar a música *“Conta um, conta dois, conta três, mil histórias pra vocês. Conta quatro, conta cinco, conta seis, era uma vez. Conta sete, conta oito, nove, dez... conta outra vez”*. As crianças escutaram com atenção memorizando a letra rapidamente. Letra na ponta da língua, todos cantaram alegremente. A referida música é de autoria de Polo Cabrera, músico chileno, residente na Lagoa da Conceição. Atendendo à canção iniciou-se a leitura com uma boa história.

O livro escolhido foi *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Arden Druce. Esta escolha atendeu a preferência das crianças por personagens de bruxas e animais. Houve uma grande disputa entre as crianças para ficar ao lado da narradora.

O livro tem ilustrações maravilhosas, o que chamou a atenção das crianças, e a história foi lida de maneira interativa. A narradora pediu a cooperação das crianças, explicando que lia a fala da figura existente na primeira página, e as crianças deveriam repeti-la. *Bruxa, Bruxa, por favor, venha à minha festa*. As crianças repetiram em coro. A narradora respondeu lendo a segunda frase: *Obrigada, irei sim, se você convidar o gato*. A última palavra da frase era a pista para a criança saber qual seria sua próxima fala. As crianças olhando a figura do gato na página virada pela narradora e usando a pista dada continuaram: *Gato, gato, por favor, venha à minha festa*. A resposta da narradora foi: *Obrigada, irei sim se você convidar o espantalho*.

E assim, a história desenrolou-se de maneira divertida e participativa até o final. Houve uma pausa para a conversa sobre a história, na qual as crianças falaram do medo de bruxa, duendes, fantasmas. O menino V contou que sonhava sempre com bruxas horríveis e que acordava com medo da bruxa estar no seu quarto, mas que não chamava ninguém e tentava dormir novamente. Já a menina N relatou que tem medo de bruxas e fantasmas, e que quando tem sonhos com esses personagens chora e vai para o quarto dos pais.

Depois do frenesi da primeira história, em que as ilustrações do livro causaram uma grande agitação, as crianças queriam ver bem de perto as figuras, fizeram comentários sobre os detalhes do nariz da bruxa, ou de como o duende era feio, queriam saber como o espantalho foi feito, fingiam se esconder de medo do lobo, a única unanimidade foi que o único personagem bonito era a chapeuzinho vermelho. Depois de saciada a curiosidade das crianças, e ânimos acalmados, iniciou-se a segunda história. O livro escolhido foi *A Margarida friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida. Alguns alunos ficaram mais distantes da formanda, sentados ao lado da professora. Os demais alunos espalharam-se pelo chão, e houve nova disputa, dessa vez para deitarem com a cabeça no colo da narradora.

Terminada a história, a narradora perguntou qual a opinião deles sobre os tremores da Margarida. Varias respostas foram dadas: A Margarida tremia porque queria carinho, tremia porque sentia muito frio, tremia por causa do vento forte, tremia porque queria beijo. A narradora perguntou por que eles tremem, as

respostas foram diversas como as do menino V que treme quando sente medo do escuro; a menina A treme quando tem pesadelos; já a menina C treme com medo das enchentes que alagam as casas perto da sua; e o menino R disse que treme de frio. As crianças perguntaram se podiam contar histórias, a narradora dando continuidade a metodologia de estímulo a criatividade abriu espaço, e quatro crianças contaram suas histórias, todas inventadas na hora.

Nesse primeiro encontro observou-se que a turma é muito participativa, demonstram interesse pelas leituras, e gostam de contar histórias. Quatro crianças ficaram mais arredias, uma criança demonstrou ser muito mimada e torna-se um pouco agressiva quando contrariada, e uma criança é muito agitada.

Nesse encontro foi detectado o componente biblioterapêutico da catarse, a cada pagina virada do livro da *Bruxa, bruxa por venha à minha festa*, as crianças arregalavam os olhos esperando o próximo personagem aparecer, mas os olhares de apreensão eram substituídos por olhos que brilhavam de contentamento ao serem convidados para a festa. O humor apareceu na segunda história quando as crianças imitaram os tremores da Maria friorenta, provocando gostosas gargalhadas. Já nesse primeiro encontro o afeto esteve presente, demonstrações de carinhos como beijos e abraços foram uma constante.

b) 2º ENCONTRO

No segundo encontro, as crianças estavam muito agitadas, e foi difícil manter a atenção. Talvez essa agitação tenha sido causada pela ausência da professora na sala de mídia, onde aconteceram as atividades biblioterapêuticas.

Ânimos acalmados tiveram inicio as atividades com a musica que chama as histórias. As crianças tomaram a iniciativa e começaram a cantar “*Conta um, conta dois, conta três...*”

A história escolhida nesse encontro foi *Os três porquinhos*. Mesmo sendo uma história conhecida, a grande maioria dos alunos mostrou interesse. Algumas crianças ficaram conversando e brincando com as almofadas. Essas almofadas haviam sido colocadas na sala, para um maior conforto das crianças.

Em certo momento foi preciso parar a leitura da história porque a aluna T, que no encontro anterior ficara arredia, sem participar muito da atividade, começou a chorar. A pesquisadora chamou T, colocou-a em seu colo, e perguntou o que tinha

acontecido. A menina, ainda chorando, disse que queria a mãe. A narradora acalmou a menina, e a história recomeçou. As crianças mostraram-se bastante preocupadas com o choro da coleguinha.

A segunda história lida foi *Os três lobinhos e o porco mau*, de Eugene Trivizas. A história chamou a atenção das crianças. Como elas estão acostumadas a ver o lobo sendo o malvado da história, muitas vezes confundiram-se trocando o nome dos personagens. A menina V em um momento da história em que o porco mau queria abrir a porta da casa dos lobinhos, perguntou se o lobo mau iria conseguir derrubar uma porta de aço. A troca dos personagens provocou risos e brincadeiras. Houve uma segunda interrupção na história, a menina A estava chorando porque ela e a colega K haviam brigado. A narradora conversou com ambas e a história continuou.

Nesse segundo encontro, não houve crianças no canto da sala. Notou-se que na segunda história contada houve um interesse maior. Após a história a garota V disse que gostaria de ter uma casa de aço como a dos três lobinhos, pois assim os ladrões não entrariam nunca. O garoto L disse que os três lobinhos deveriam fazer uma casa espacial, que o porco mau nunca iria destruir. O garoto V disse que a casa dele é bem forte, que nem o lobo mau, nem o porco mau e nem ladrões conseguem abrir.

Ao sair da escola, a narradora encontrou a diretora, e numa conversa sobre o encontro, ficou sabendo que a aluna T tinha diversos problemas familiares. A garota foi abandonada pela mãe, e morava com a avó.

Nesse momento observou-se que nesse segundo encontro houve uma identificação da criança com os personagens da primeira história, não havia a figura da mãe na história, eram crianças sozinhas, cuidadas pelo irmão mais velho. Outros componentes biblioterapêuticos observados foram o humor, e o afeto.

c) 3º ENCONTRO

No terceiro encontro foi decidido entre a aplicadora das atividades e a professora, que a mesma ficaria na sala durante a leitura das histórias para dar suporte à formanda, também se decidiu que as almofadas seriam retiradas porque acabavam dispersando as crianças.

As crianças estavam ansiosas para ouvir as histórias e logo começaram a cantar a musica padrão. A primeira historia do dia foi *Quem tem medo do dragão*, de Fanny Joly. As crianças ouviram a leitura com atenção e demonstraram interesse nas gravuras, fazendo pequenos comentários. Ao termino da leitura, foi feita uma pausa para falar sobre a história, e, em seguida começou a segunda história que foi *O ursinho apavorado*, de Keith Faulkner.

O segundo livro tem ilustrações feitas com dobraduras, estilo de livro que agradou as crianças. Houve uma grande participação, pois a cada página virada, a figura de um animal aparecia, as crianças imitavam os sons dos animais, fosse ele um leão com uma juba enorme, ou um elefante com orelhas de abano. A história começa com o ursinho acordando assustado com um barulho assustador. As crianças demonstraram grande interesse pelo ruído misterioso, e alivio ao saber que o terrível ruído era só o ronco do pai do ursinho. Ao final da história bateram palmas e pediram bis. A história foi contada novamente e o interesse foi o mesmo.

Terminada a leitura, uma aluna pediu para contar a historia. Ela veio para o centro da roda, e enquanto a acadêmica virava as paginas, ela lia a historinha. Não houve uma quarta leitura porque o tempo estava no limite. Conversou-se um pouco sobre as histórias do dia, e o tema mais falado foi o medo. Os medos que eles sentem no dia a dia. A menina C disse que o pai dela ronca igual ao pai do ursinho, mas que ela não tem medo do ronco, ela tem medo de escuro, de ladrão e de raio. O garoto V disse que também tem medo de escuro e de chuva com trovão. As alunas L e T, que ficaram isoladas no primeiro encontro, participaram das duas historinhas. A menina L é extremamente tímida. A garota T tem um sorriso tímido, e fica observando a pesquisadora de longe, quando é chamada pela formanda, sorri e abaixa a cabeça.

Na hora da despedida a maioria das crianças pulou encima da aplicadora, todos queriam beijar e abraçar ao mesmo tempo. A formanda vai até a garota L que está um pouco afastada, lhe da um beijo e é retribuída, depois vai até a menina T que sorri, a narradora pergunta *Cadê o meu beijo?* Imediatamente a garota beija e abraça a acadêmica. A narradora vai até a sala com as meninas, e a menina A1 que já estava na sala a chama, e entrega um desenho com o nome da narradora dentro de um coração, e a seguinte inscrição *Você é linda como uma flor, e eu te amo*. Percebeu-se que a relação de amizade entre a pesquisadora e as crianças começou a estreitar-se.

Nesse encontro os componentes biblioterapêuticos detectados foram o humor; o afeto; e a catarse.

d) 4º ENCONTRO

Esse encontro foi muito produtivo, as crianças esperavam ansiosas o início da atividade, começaram logo a cantar a música que chama as histórias. Sentaram-se e com os olhinhos atentos começaram a escutar a história da *Galinha feliz*, de Jack Tickle que relata a vida dos animais e suas famílias. Esse livro tem as páginas internas projetadas em 3D, tornando a história mais animada e divertidas como gostam as crianças. Cada página aberta é uma surpresa para as crianças, que reagiram, mostrando todo seu contentamento, com palmas e gritinhos de alegria. A galinha botando ovo foi motivo de boas risadas, pois ao abrir a página o ovo ia aparecendo, como se a galinha o estivesse botando naquele momento.

No primeiro momento as crianças demonstram um interesse maior pelas figuras e os seus movimentos, mas ao término da história pediram para a narradora ler novamente. Nova leitura, e nesse momento a atenção foi total para a leitura. A história foi lida três vezes a pedido das crianças. Logo após iniciou-se a conversa com as crianças sobre a história.

As crianças compararam os personagens a galinha e os pintinhos, a ovelha e as ovelhinhas, com suas famílias. A pesquisadora perguntou por que a galinha era feliz, as respostas foram diversas. A aluna V disse que a galinha é feliz porque dá amor e porque recebe amor dos filhos, e que o mesmo ocorre na sua família, onde os pais dão amor para ela, e são retribuídos. A aluna C disse que quem dá mais amor pra ela é o pai. O aluno V disse que ela é feliz porque bota um ovo, e desse ovo vai sair um filho. O mesmo aluno disse que a acadêmica dá amor para ele, que ele a ama muito, e ela parece a sua mãe. A aluna C ainda relatou uma situação de medo que havia passado com o pai, os dois estavam de carro numa estrada de chão, um boi apareceu e ficou no meio da estrada, o carro não conseguiu passar, e a menina sentiu muito medo do boi atacar o carro.

Após a conversa sobre a história lida, foi feita a contação da história *A Bela adormecida*, de Charles Perrault, o interesse das crianças foi geral. As crianças ficaram o tempo todo com os olhos presos na contadora, não perderam um minuto

da história, torcendo para que a princesa Aurora não mexesse em nenhuma agulha. Depois que a princesa tocou na agulha e dormiu, as expressões eram de preocupação. Quando finalmente o príncipe achou o castelo e, beijou a princesa acordando-a do longo sono, os rostos das crianças se iluminaram e as palmas foram ouvidas .

Em seguida, foi iniciada uma conversa, onde o menino V relatou que furou o dedo com um prego. O garoto L furou o pé com um pedaço de pau, e a dor foi muito forte, e ele chorou muito. Já o garoto A contou que cortou a mão com uma gilete. Todas as crianças falaram sobre a dor, choro, e o medo de hospitais. Mais uma vez houve a identificação com a personagem, que na história machucou o dedo com uma agulha.

A pesquisadora aproximou-se da aluna T que estava no canto da sala (a que tem problemas familiares), a menina aceitou bem a aproximação, brincou com a pesquisadora e a beijou.

Demonstrações de carinho como beijos, abraços, e *eu te amo* fizeram a despedida desse encontro um momento muito especial.

Na primeira história foram encontrados os componentes biblioterapêuticos da identificação, pois as crianças compararam suas famílias com a dos animais. Na segunda história além da identificação, a catarse ficou nítida com a preocupação retratada nos rostos das crianças quando a fada enfeitiçou a princesa. As palmas e os gritinhos de satisfação no final da história demonstraram o alívio. O humor também esteve presente no desenrolar das duas histórias, exemplo disso foram as gostosas gargalhadas quando a galinha botava seu ovo.

e) 5º ENCONTRO

No quinto encontro uma surpresa aguardava a pesquisadora na chegada à sala de mídia. As crianças sentadas em círculo ouviam atentamente duas coleguinhas lendo suas histórias. Foi animador e gratificante ver essa cena que retratava a função exercida pela narradora nas sessões de biblioterapia. Como as crianças já estavam no clima de encantamento, iniciou-se a atividade, sempre com a música padrão. A história do dia foi *As fadas de Maria*, de Lesley Harker. O livro tem lindas ilustrações com páginas em 3D. Duas alunas comentaram que já conheciam a história. A história versa sobre os sonhos da menina Maria, e os presentes que ela

ganhou das fadas. Eram sete fadas, que apareciam na primeira página do livro. A cada presente dado, diminuía-se o número de fadinhas da página. Isso prendeu a atenção das crianças, que ficaram ansiosas para saber o que viria em seguida. E assim foi até a última página, que ao ser aberta mostrou um lindo castelo feito com dobraduras, nas cores rosa, lilás e branco. Foram muitas as exclamações de alegria, surpresa, e prazer emitidas por todos os alunos.

Com o final da história, a narradora passou de aluno a aluno mostrando as gravuras do livro. Aos poucos formaram-se grupos de quatro crianças para ver a dobradura do castelo. Olhando o castelo, as crianças começaram a falar de sonhos. O menino V disse que todos os seus sonhos eram pesadelos. Quase todos os relatos foram de sonhos ruins. Apenas a menina A mencionou que teve um sonho bom, em que ela ficava rica. A narradora perguntou sobre os sonhos que as crianças gostariam de realizar. A garota L sonha em ficar rica e ter uma casa bem grande, a menina A quer ficar rica e ter uma piscina, o menino L quer ter muitos carros e bicicletas, a garota V também quer ficar rica. A maioria das crianças tem o sonho de enriquecer.

As crianças voltaram à atenção ao castelo. Duas crianças juntas, a menina M e o menino V, encantados na frente do castelo, conversavam olhando para uma das janelas abertas do castelo. As crianças imaginaram que ali estava acontecendo um baile, chegando até a escutar a música que vinha de dentro do castelo. Uma janela do castelo estava fechada, e esse detalhe fez a imaginação das crianças voar longe. Outros alunos juntaram-se ao grupo, e houve a lembrança da história do encontro anterior. As crianças temeram que Maria tivesse esquecido de convidar alguma fada para o baile, e que a janela estava fechada porque a fada má estaria escondida, esperando a hora de jogar o feitiço na Maria, e assim acontecesse com ela o mesmo que havia acontecido com a Bela Adormecida.

Nesse encontro observou-se que não existem mais crianças arredias, todos aceitam muito bem a pesquisadora. A menina T que chorou no segundo encontro fica sempre olhando a narradora, esperando ser chamada, e quando é chamada para conversar vem com um sorriso tímido, conversa, recebe e faz carinho.

A narradora encerrou as atividades, e despediu-se das crianças. Beijos e abraços são componentes constantes nas sessões de biblioterapia. A aluna T chegou perto da formanda e disse: *Eu vou te levar até a porta*, e feliz pega na mão

da narradora e a levou até a porta, a pesquisadora pegou a menina T no colo, a menina a abraçou fortemente.

Constatou-se que sonhos e imaginação fizeram parte desse encontro. O componente biblioterapêutico da identificação aconteceu quando as crianças demonstraram a vontade de possuírem casas com piscinas, bicicletas, carros. Na história, o personagem Maria também queria ter bons vestidos, uma carruagem, para assim conquistar o príncipe. O componente afeto também foi detectado.

f) 6º ENCONTRO

No sexto encontro as crianças estavam agitadas, foi necessário uns dez minutos para se acalmarem. Como sempre, a atividade iniciou-se com a música padrão. Logo em seguida começou a leitura do livro *Histórias de Magias e Encantos*, da coleção *Clássicos de Sempre*, com a história do *Flautista de Hamelin*.

A história era pouco conhecida pelas crianças o que despertou a atenção de todos. Durante a leitura, ao ouvirem a palavra rato, as crianças manifestaram sentir nojo desse roedor. A menina C disse que odeia ratos; a garota V concorda com a colega; já a menina A1 acha rato bonitinho, mas tem nojo; o garoto L não tem medo de rato, mas acha nojento. A menina L diz que se ela fosse o flautista, traria todos os ratos de volta para a cidade se não pagassem seu serviço; o garoto R diz que é muito feio não pagar o que se deve. A menina K sentiu pena das crianças por terem ficado longe dos pais; a garota R manifestou repúdio ao rei e a rainha por não terem cumprido suas promessas.

As crianças concordaram entre si que é preciso cumprir as promessas feitas. Acabada a primeira história, houve um burburinho geral com a entrada do aluno V, ele é uma criança muito agitada, e acabou tumultuando um pouco a atividade.

A segunda história lida foi *Alice no País das Maravilhas*, essa era mais conhecida das crianças. *Alice no País das Maravilhas* gerou uma discussão sobre a personagem, se ela tinha dormido e sonhado, ou tudo teria realmente acontecido. A conclusão foi que Alice havia sonhado.

Como as histórias eram bem resumidas, foram lidas mais duas: *O mágico de Oz* e *o Soldadinho de chumbo*.

O mágico de Oz resultou em diversos questionamentos sobre o espantalho, as crianças demonstraram curiosidade em saber o que era um espantalho e para

que servia. O choro na despedida dos personagens também gerou comentários sobre a amizade. A menina C perguntou por que os personagens estavam chorando; prontamente a menina V respondeu que eles choraram porque a Doroty ia embora; a garota M disse que também choraria se perdesse seus amigos. Todas as crianças relataram que também chorariam se ficassem sem seus amigos.

Já *O soldadinho de chumbo* cativou as crianças pelo fato de os personagens serem brinquedos. O peixe que comeu o soldadinho foi um personagem feio para todas as crianças, e elas torceram para ele ser pescado e morto, pois só assim o soldadinho voltaria para a linda bailarina.

Na conversa pós-história, as crianças comentaram que já conheciam algumas histórias de desenhos e filmes. A pesquisadora perguntou qual foi a história que mais gostaram, a resposta foi unânime, o *Soldadinho de chumbo*. Os motivos dessa escolha foram os mais diversos: a menina V disse que gostou mais porque tinha aventura; o garoto L gostou porque o soldadinho tinha uma perna só; a menina G gostou porque havia uma bailarina na história, e porque os personagens eram brinquedos.

Durante a leitura das histórias e as conversas, todos estavam bem interessados e participativos, não houve grupos isolados. A despedida, como sempre, foi pura demonstração de afeto entre as crianças e a pesquisadora. A menina T pediu para a narradora levá-la até a sala de aula, no que foi atendida. A pesquisadora pegou a menina no colo e subiu a escada, a menina dava gostosas gargalhadas ao encontrar os coleguinhas no corredor, ao chegar à sala a menina T agradeceu com beijos e abraços.

Nesse encontro observou-se os componentes biblioterapêuticos da identificação das crianças com os personagens, o afeto, e a reflexão sobre a importância da amizade.

f) 7º ENCONTRO

Nesse dia, algumas crianças ainda se encontravam na sala de aula, pois alguns não haviam terminado os deveres. Os alunos que já estavam prontos para a atividade biblioterapêutica seguiram com a pesquisadora para a sala de mídia. Enquanto aguardavam os retardatários, conversaram animadamente com a narradora, que em seguida sugeriu cantarem a música *A Bicharada*. A sugestão foi

aceita de imediato e todos começaram a cantar. A música só acabou quando os demais alunos chegaram.

Deu-se início a atividade com a música padrão. Em seguida, a pesquisadora começou a leitura do livro *Maria vai com as outras*, de Sylvia Orthof. As crianças mostraram-se interessadas no enredo, e a cada página virada participaram dando opiniões, e fazendo comentários. O aluno A comentou que conhecia o Corcovado, e que era muito alto e dava medo, imediatamente a aluna V concordou com o colega, mencionando que também conhecia o local.

As ilustrações do livro embora simples, também chamaram a atenção. Observou-se que o visual é tão importante para as crianças como o áudio. Após a leitura da história, a narradora iniciou a conversa sobre o tema. A aluna D disse que a ovelha Maria era muito burra porque só fazia o que as outras faziam, e não o que ela gostava. O aluno L e o aluno R2 assumiram-se como “Maria vai com as outras”, dizendo que sempre fazem o que os amigos pedem, a maioria das crianças disseram que só vão atrás de suas mães. A aluna V disse que não imita ninguém; a menina G concorda e diz que imitar os outros sempre dá coisa errada. O consenso geral entre as crianças foi que imitar os outros, só traz problemas. Diante de tudo que foi exposto, os dois alunos “Maria vai com as outras” desistiram desse título, e disseram que agora só vão fazer o que sentirem vontade.

A seguir a narradora distribuiu folhas em branco, e giz de cera para os alunos, pedindo que eles fizessem desenhos sobre o que haviam entendido, ou mais gostado da história. A atividade agradou muito as crianças que, animadas começaram a desenhar. A narradora circulou entre os alunos, observando e conversando com as crianças, que explicaram o significado dos desenhos.

Notou-se, nos desenhos a figura do Cristo Redentor, ovelhas de todos os tipos e tamanhos subindo o corcovado, ovelhas despencando morro abaixo, e corações com mensagens carinhosas para a narradora. A atividade foi encerrada com o carinho de sempre, muitos beijos e abraços, e a promessa de um novo encontro dentro de uma semana. O afeto é nítido entre as crianças e a narradora.

Nesse encontro aconteceu a reflexão sobre o comportamento de seguir ou não a maioria, o estímulo a criatividade, e uma grande interação entre as crianças. O componente biblioterapêutico do afeto também se fez presente nesse encontro.

h) 8º ENCONTRO

O oitavo encontro realizou-se no pátio do Cepajo, devido ao forte calor que fazia no dia. Apesar do calor, as crianças estavam calmas, e receberam a formanda com a alegria de sempre.

Todos se sentaram em círculo, as crianças cantaram a musica padrão, e tentavam adivinhar qual seria a história do dia. A narradora anunciou o título do livro: *Por que o céu chora*, de Gilda de Aquino. Esse livro foi escolhido porque retrata o cotidiano de uma família, e a disputa que existe entre os irmãos gêmeos Sol e Lua.

A história prendeu a atenção das crianças. Queriam saber todos os detalhes das figuras, que foram mostradas uma a uma pela pesquisadora

Terminada a leitura, a formanda perguntou às crianças quem tinha irmão, todas as mãozinhas se levantaram. Imediatamente a aluna N chegou perto da narradora e disse que tinha dois irmãos, mas que não os conhecia porque eles moravam em outra cidade, eram filhos do pai dela com outra moça. Relatou que o pai e a moça brigavam muito, e acabaram se separando, assim o pai dela conheceu sua mãe, casaram-se, ela nasceu. A aluna N disse ainda que sente muito medo quando os pais brigam, ela acha que eles podem separar-se. A aluna T, que tem problemas familiares, aproximou-se e disse que ela tem dois irmãos, que o irmão maior está preso porque comprou drogas e levou para a casa do pai, relatou que a policia chegou e o irmão jogou a droga e correu, mas a policia conseguiu prendê-lo. Disse também que tem uma irmã maior que ela, que as duas brigam sempre que nem o sol e a lua, e que a avó delas bate nas duas quando as brigas acontecem, falou que não briga com o irmão porque ele está na cadeia. Mesmo tendo acabado de contar sua história, a menina T ficou o tempo todo segurando na mão da aplicadora. A aluna C disse que tem sete irmãos e que eles também brigam bastante; aluna A1 chegou perto da pesquisadora e com uma carinha séria disse: *Hoje eu vou contar para você a história das minhas doenças*. E deu inicio relatando que não pode tomar coisas geladas, porque aparecem duas bolas em sua garganta que doem muito; quando fica muito nervosa não consegue falar direito (ela gagueja bastante); tem muita dor de barriga. A1 é uma menina muito carinhosa, e que adora receber carinho, encerrou a sua história com um beijo e um abraço na pesquisadora.

A narradora perguntou às crianças qual personagem da história eles gostariam de ser, A aluna G disse que gostaria de ser a lua porque ela ilumina; a aluna A disse que gostaria de ser a noite porque ela é escura, a aluna A é afrodescendente . O aluno P disse que queria ser o sol, mas não sabia o motivo. A aluna V disse que gostaria de ser a estrela porque elas brilham, e ela gosta de brilhar. A aluna C disse que gostaria de ser a lua e a noite porque uma ilumina a outra; o aluno V disse que gostaria de ser o sol porque ele é forte; e o aluno G disse que gostaria de ser a nuvem porque ela chora, e ele também é chorão.

O diferencial desse encontro foi a formação de dois grupos depois do término da história. As crianças que resolveram contar as histórias de suas vidas ficaram ao lado da narradora o tempo todo, os demais ficaram em círculo enquanto um coleguinha lia histórias para eles. O gosto pela leitura está evidente nessa turma.

A confiança das crianças na narradora ficou evidente, ao conseguirem verbalizar seus sentimentos naturalmente, houve também uma grande identificação das crianças com os personagens.

i) 9º ENCONTRO

O nono encontro aconteceu na sala de mídia, todos sentaram-se em círculo, e a pesquisadora anunciou que esse seria o nosso penúltimo encontro. Houve uma agitação generalizada entre as crianças, pedindo para a narradora ficar até o final do ano, ou então voltasse no próximo ano. A formanda acalmou as crianças dizendo que elas teriam uma festinha de despedida no último encontro. As crianças imediatamente queriam saber como seria essa festa. A narradora disse que era surpresa, e que eles só ficariam sabendo no dia. As crianças aceitaram as explicações e, em seguida começaram a cantar a música senha para uma história.

As crianças estavam ansiosas para saber qual seria a história do dia, e tentavam adivinhar o título. A narradora anunciou que a história seria *João e Maria*, dos Irmão Grimm. As crianças perguntaram: *Cadê o livro?* A narradora explicou que nesse encontro não haveria livro, e que ela ia contar uma história que sua avó contava quando ela era pequena. Deu-se início à contação, e algumas crianças foram reconhecendo aos poucos a história. O interesse foi total, as crianças viveram junto com João e Maria o medo de ficar sozinhos na floresta, a admiração pela casinha de chocolate, o susto quando a bruxa apareceu, e a torcida para os meninos

enganarem a bruxa com o ossinho de galinha e, finalmente, a alegria com o empurrão que levou a bruxa para o caldeirão. O final da história diz que os irmãos ficaram muito ricos com o tesouro da bruxa. A menina G perguntou o que era um tesouro, a narradora explicou, e as crianças participaram cada uma com sua opinião sobre que tipo de jóias havia no baú da bruxa. A história terminou com muitos aplausos.

Na conversa pós-história, a menina V disse que adorou a história e que gostaria de ter uma casinha de chocolate; o menino R2 disse que se ele fosse o João, ao ouvir que o pai ia levá-lo para a floresta, ficaria cuidando da porta, e assim que o pai a fechasse, ele abriria, e não ficaria apavorado por não poder pegar as pedrinhas. A menina K disse que se achasse uma casinha de doces, comeria todinha. A menina T participou da discussão dizendo que gostou quando a bruxa morreu, porque ela era muito má.

Nesse encontro, as crianças demonstraram tristeza porque os encontros estavam acabando, deixando claro o afeto que sentem pela narradora. Houve identificação com os irmãos da história, e a catarse aconteceu quando as crianças compartilharam o medo dos personagens sozinhos na floresta, o medo que a bruxa devorasse João, e no alívio que demonstraram quando a bruxa foi derrotada pelos irmãos João e Maria.

j) 10º ENCONTRO

O décimo encontro começou de uma maneira diferente. A narradora chegou e foi buscar as crianças na sala de aula. Foi recebida com exclamações de carinho. A menina A veio correndo e entregou um vaso de flores para a narradora, e disse que ia sentir saudades e a abraçou. Logo em seguida, a menina G entregou um pacote com presente e deu um beijo na narradora; em seguida veio a menina T com o seu sorriso tímido entregou o presente, deu um beijo e um abraço na narradora e disse que ela ia ficar linda com o presente; a menina C entregou um anjinho de presente e um beijo; a menina A1 chorosa abraçou a narradora dizendo que não tinha um presente porque tinha faltado a última aula e não sabia que era último dia das atividades. A professora Ana Paula brincando disse que as crianças estragaram a surpresa, isso tudo era para ser feito durante a festinha.

As crianças ficaram arrumando suas coisas e a narradora dirigiu-se ao pátio do colégio, onde arrumou a mesa para a festa com docinhos, cachorros quentes e refrigerantes. Depois de alguns minutos a professora chegou com as crianças, que olharam para a mesa e exclamaram: *Oba! Tem brigadeiro!* A professora pediu para todos sentarem, e entregou a narradora um diploma de amizade, com o nome dos alunos dentro de corações, e os seguintes dizeres: *Querida A. É muito difícil encontrar bons amigos, mais difícil ainda deixá-los, e impossível esquecê-los.* A professora agradeceu à acadêmica pelos dois meses dedicados às crianças, e usou lindas palavras emocionando a narradora. As crianças aplaudiram com entusiasmo.

A narradora falou em seguida, agradecendo a colaboração da professora, o carinho que sempre encontrou nos encontros, a participação animada das crianças, e disse que elas estariam sempre guardados dentro do seu coração. As crianças abraçaram a narradora, tornando o ambiente ainda mais emocionante.

A narradora deu o sinal verde que as crianças esperavam, e todos foram para a mesa. As meninas M e N perguntaram se a narradora tinha feito o cachorro quente. A resposta foi afirmativa, e as meninas declararam nunca terem comido um cachorro quente tão gostoso. Os garotos R2 e V elogiaram o brigadeiro. A menina A1 chegou perto da narradora e, abraçando-a disse: *Eu estou com muita vontade chorar, porque eu já estou sentindo saudades de você.* A narradora abraçou a menina e disse que continuou: *Quando mudei de escola, eu fiquei com muitas saudades da minha professora, fiquei muito triste, agora estou sentindo a mesma tristeza.* A narradora beijou a menina e convidou-a para tirar fotos. A pequena A1 juntou-se as demais crianças que comiam e, faziam pose para as fotos. As poses engraçadas provocaram muitas gargalhadas, promessa de ótimas fotos.

Depois da sessão fotográfica, as crianças convidaram a formanda para uma brincadeira de roda, ensinaram todos os passos da brincadeira, a narradora fez charme dizendo que não sabia o que fazer, e todos se prontificaram a mostrar como era a brincadeira. A recreação foi muito divertida com a participação de todos.

Terminada a brincadeira, todos se sentaram em círculo para ouvir a última história. A narradora perguntou se eles lembravam qual foi a primeira historinha contada. A maioria lembrava que foi a da bruxa. Todos aplaudiram a escolha, que foi feita justamente porque as crianças sempre pediam para ouvir novamente a história: *Bruxa, Bruxa, por favor, venha à minha festa.* O livro causou o mesmo frisson do primeiro encontro, as crianças não tiravam os olhinhos das gravuras. As expressões

demonstravam medo, espanto, alegria, curiosidade. Ao final aplausos e gritos de *De novo! De novo!*

A pesquisadora atendeu ao pedido e pediu a colaboração das crianças que já sabiam as falas, e todas participaram alegremente. Na terceira vez que a história foi contada, elas tentavam adivinhar qual seria o próximo personagem que iria ser convidado para a festa. O menino P e o menino R2 disputaram para ver qual acertava mais personagens. A narração foi muito prazerosa, tanto para as crianças como para a narradora.

Aproximava-se a hora do término, a formanda encerrou a narração, e iniciou a distribuição de lembranças confeccionadas em formato de livro, trazendo a seguinte inscrição na capa *Era uma vez...* abrindo a página havia um pequeno texto dando continuação em formato de história ... *uma linda menina chamada (o nome da criança) que me conquistou com seu olhar, seu falar, seu sorriso e, me fará sentir saudades das tardes de terça-feira. Saudades das conversas, das historias, dos abraços, do carinho sincero. Você é uma pessoa especial para mim. Beijos da (o nome da formanda).* As crianças demonstraram ter gostado da lembrança, e correram para ler a sua história escrita na lembrança.

A narradora despediu-se de todos com muitos beijos e abraços e disse que não havia motivo para choro, que não era um adeus, e sim um até logo. A tarde transcorreu com muita alegria, muitas risadas, emoção, e um gostinho de quero mais.

No último encontro ficou evidente o que já tinha sido registrado nos outros encontros, o enorme carinho das crianças com a narradora, e vice-versa. Mais uma vez os componentes biblioterapêuticos da catarse e do humor foram identificados na narração da história. A interação entre as crianças, e a criatividade também ficaram evidenciadas no encontro.

5 ANÁLISE DOS ENCONTROS

Os encontros realizados proporcionaram às crianças contato com diversos tipos de textos e, foi nítida a satisfação das crianças por estarem realizando atividades fora das salas de aula.

As reações das crianças em relação às histórias contadas variavam em cada encontro. Notou-se, porém, que mesmo quando havia alguma conversa paralela, a essência da história era assimilada, fato esse comprovado nas conversas pós-história.

As crianças ficaram livres para escolher o que fazer e mesmo que desejassem ficar no cantinho da sala eram respeitadas. Esse é um dos objetivos da biblioterapia, deixar a criança à vontade, para que aos poucos fossem adquirindo confiança na narradora, até chegar o momento de liberar seus sentimentos e anseios.

Com o passar das semanas, verificou-se mudanças. O afeto e o contato físico com a narradora proporcionaram às crianças uma relação de confiança, gerando momentos de alegria e, total descontração, e as crianças puderam compartilhar com a narradora momentos de suas vidas, fossem esses momentos engraçados, ou difíceis, como o da menina C que sentiu muito medo ao ficar presa dentro de um carro com o seu pai, porque um boi estava impedindo a passagem; ou do garoto L que rindo contou que ao brincar de lutinha com um amigo, caiu com o *bum bum* no chão, doeu bastante mas ele não chorou; do garoto V com suas histórias de martelada no dedo; furo no pé com prego; o garoto R2 com sua carinha sapeca e a sua confissão de ser um *Maria vai com as outras*; a menina A1 com as doenças da sua vida; a pequena T com sua timidez e, seus muitos problemas familiares; a menina V sempre falando corretamente e, lendo muito bem; a menina N com seu jeitinho dengoso falando quem tem medo quando os pais discutem, porque não quer uma separação; a menina G que gosta de brilhar. Momentos compartilhados com muita alegria e compreensão.

Constatou-se um grande desenvolvimento no comportamento das crianças, principalmente com as mais tímidas. Essas crianças ficavam afastadas nos primeiros encontros, mas sempre observando à narradora. A menina T foi o exemplo mais forte dessa atividade, menina tímida, chorou no primeiro encontro, sempre

observava a aplicadora com o cantinho dos olhos, esperando ser chamada, quando era chamada para conversar, vinha com um sorriso tímido, mas encantador, aos poucos foi aproximando-se da narradora, recebeu carinho, verbalizou os sentimentos, e deu carinho. Notou-se um grande progresso na relação menina/narradora.

As crianças tímidas aos poucos, foram vencendo a timidez, e conseguiram demonstrar um grande carinho pela narradora. As crianças mais agitadas, e que tentavam chamar a atenção da narradora, conseguiram dominar essa inquietação e se autodenominavam ajudantes da narradora, trazendo para si a responsabilidade de ser o ajudante número um do dia, posto este que eles mesmos criaram.

Durante as contações, o imaginário e o lúdico foram bem explorados, fato percebido nos comentários das crianças após as histórias, que sempre fantasiavam com os personagens ou com o enredo.

O afeto desde o primeiro contato com as crianças foi um elemento constante nos encontros, e veio crescendo a cada sessão, ratificando que as atividades biblioterapêuticas permitem uma maior aproximação entre as pessoas. Um bom exemplo é o menino V, que dava seguidas demonstrações de carinho dizendo para a narradora no encerramento das atividades: *Eu te amo muito, muito, muito!* Ficou claro com essa, e outras demonstrações o afeto das crianças para com a narradora, que igualmente retribuiu os carinhos.

Constatou-se um grande envolvimento de amizade entre as crianças e a narradora durante as atividades biblioterapêuticas.

Uma dificuldade sentida pela narradora foi falta de mais suporte humano, pois contou apenas com a ajuda da professora Ana Paula, fato esse que limitou as atividades. Geralmente as atividades biblioterapêuticas são realizadas em equipe, o que facilita o uso de outros recursos.

As atividades de biblioterapia contribuíram para que as crianças do CEPALJO, tivessem um maior estímulo à leitura, a criatividade, e à contação de histórias.

Ressalta-se aqui a importância de um bibliotecário na escola, não somente para orientar os alunos nas pesquisas, mas também para incentivar atividades que busquem o exercício prazeroso e espontâneo da leitura. O novo perfil do bibliotecário do século XXI exige profissionais capacitados, com uma visão de futuro, e ciente do poder da leitura. Assim, o bibliotecário deixará de ser apenas um

contador de livros, e passará a ser também um contador de histórias, que acredita na leitura como uma ponte para alcançar objetivos tanto sociais, como terapêuticos.

6 CONCLUSÃO

A realização desse estudo teve como principal motivação divulgar a biblioterapia como uma prática de leitura e contação, que pode proporcionar auxílio as crianças, e também mostrar um novo campo onde o bibliotecário pode exercer o seu lado social.

Cabe ressaltar a importância da biblioterapia de desenvolvimento com as crianças, visto que essas atividades estimulam a leitura, despertam a criatividade e a imaginação.

As atividades biblioterapêuticas proporcionaram às crianças momentos de desinibição, em que os mais tímidos conseguiram demonstrar o afeto que sentem. Também: descontração, lazer, estímulo a criatividade, e a verbalização dos sentimentos. Esses são alguns dos benefícios que as atividades biblioterapêuticas proporcionaram às crianças, buscando sempre amenizar o efeitos causados pela rotina escolar, afastamento da família por longo tempo, e o estresse diário.

Conclui-se que os objetivos deste trabalho foram atingidos no tocante a proporcionar às crianças momentos prazerosos por meio da leitura, narração e cantigas, pois a alegria das crianças era evidente em todos os encontros.

Assim, o objetivo de proporcionar maior interação entre as crianças foi atingido durante as atividades de leitura e narração, e, principalmente, nas conversas após as histórias, pois as crianças discutiam entre elas sobre os personagens que mais gostaram.

Proporcionar a catarse, a identificação, e a reflexão, foram outros objetivos alcançados. As crianças demonstraram durante as histórias lidas ou narradas, preocupação, medo, tristeza, com os problemas vividos pelas personagens e, a seguir, a alegria quando a história acabava com um final feliz. Essas demonstrações foram percebidas pela aplicadora ao verificar os olhares, sorrisos, aplausos e exclamações das crianças.

Incentivar a verbalização dos sentimentos, foi outro objetivo atingido por meio do afeto e do dialogo após as historias. As crianças conversavam abertamente sobre suas vidas, e os problemas enfrentados em suas famílias.

Estimular a criatividade foi objetivo alcançado por meio da leitura, narração, desenhos e cantigas. As crianças da turma 14 são muito criativas, inventavam histórias na hora, criavam pequenos grupos, e uma das crianças fazia o papel de narradora, desenhavam os personagens das histórias.

E, por último, despertar o interesse pela leitura, foi objetivo alcançado por meio da leitura e narração de histórias, pois as crianças estavam sempre com um livro de histórias na mão, contavam o que tinham lido, e leram bastante em casa.

As crianças evidenciaram os laços de amizade com a narradora no último encontro, quando trouxeram lembranças para não serem esquecidos, falaram da saudade que iriam sentir, e pediram o retorno da narradora no próximo ano.

Verificou-se que esse trabalho contribuiu para o bem estar das crianças da turma 14 do CEPAJÓ. Todas demonstraram estar felizes com as atividades, e agradecidas pelo carinho e atenção recebidas, retribuindo o afeto recebido. Confia-se que as atividades realizadas possam de alguma maneira ter colaborado para o crescimento emocional das crianças.

Espera-se que as crianças levem para as suas vidas o exercício saudável da leitura por prazer, que essa semente que foi plantada na turma 14 do CEPAJÓ germine e dê bons frutos.

Devido à importância da leitura na vida das crianças, espera-se que haja uma maior formação de equipes envolvidas nas atividades de leitura com fins terapêuticos. O bibliotecário pode ser o profissional que irá tomar a frente esses projetos, e assim participar mais ativamente do processo social do país.

Cumprir lembrar que também ele se beneficia dos efeitos terapêuticos da leitura. A aplicadora vivenciou momentos de emoção ao receber das crianças afeto e muitas experiências de vida. Ter a confiança das crianças, que abriam sem medo seus corações, foi uma experiência gratificante. Ao encerrar as atividades biblioterapêuticas do dia, a aplicadora ia para a casa com a alma leve e as forças revigoradas.

Após dois meses de atividades biblioterapêuticas com as crianças do CEPAJÓ, a formanda conclui que escolheu a profissão certa ao escolher a biblioteconomia, pois além do amor pelos livros, descobriu a biblioterapia. É um privilégio poder exercer, por meio do livro, uma atividade que visa aliviar o sofrimento das pessoas e diminuir o estresse.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BLOOM, Harold. **Como e porque ler.** Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Florianópolis. n. 12, 2001a. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 20 maio 2009.

_____. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblos:** Revista de Bibliotecologia y Ciencias de la Información, Lima, año 6, n. 21/22, p. 13-25, Ene./Ago. 2005a. Disponível em: <<http://www.bibliosperu.com>>. Acesso em: 18 junho 2009.

_____. **Leitura e terapia.** Florianópolis. 2009. 216 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. **Palavras que curam.** 2001b. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

_____. Reflexões acerca do papel do bibliotecário da biblioteca escolar. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 2, p.163-168, 2005b. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br>>. Acesso em: 28 maio 2009.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor:** a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. Bibliotecário Escolar : Um Educador ? **Revista**

ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, p.107-123, 2002. Disponível em : <<http://revista.acbsc.org.br>>. Acesso em: 28 maio 2009.

CURY, Antonio. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 16. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FLECK, Felicia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 23, p.216-234, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 25 maio 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIRARDELLO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: Sesc/SC, 2004.

GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver:** mente&cérebro, ano 13, n. 142, p. 24-29, nov/2004.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set/2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a08v11n3.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2009.

MINAYO, Maria Cecília De Souza. **Pesquisa Social - Teoria Método e Criatividade**: Petropolis: Vozes, 1999.

NUNES, Lucilene; FRANCO, Lucimara Fernanda Martins. **Biblioterapia: formação e atuação do bibliotecário**. 200?. Disponível em: <http://www.erebd.ced.ufsc.br/portal/Textos_Anais/biblioterapia.pdf>. Acesso em: 28 maio 2009.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia. **Comunicação e artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

PARDINI, Maria Aparecida. Biblioterapia! encontro perfeito entre bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura: estamos preparado para essa realidade?. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 12,

2002, Recife. **Anais...** 2002. Disponível em:
<<http://www.sibi.ufrj.br?snbu2002/oralpdf/87.a.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2009.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p.31-43, jan./abr. 2005. Disponível em:
<<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>>. Acesso em: 01 junho 2009.

QUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

RODRIGUES, William Costa. Metodologia científica. Paracambi, 2007. Disponível em:< http://www.ebras.bio.br/autor/aulas/metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 18 dezembro 2009.

TRAJANO, Rosangela. **Efeitos educacionais e terapêuticos da contação de histórias**. 2007. Disponível em:< <http://www.rosangelatrajano.com.br>>. Acesso em: 18 dezembro 2009.

SEITZ, Eva Maria. **Bilioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: ACB: Habitus, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In:_____. (Org.). **Leitura e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. p. 182-198.

APÊNDICE – Bibliografia das obras utilizadas nas atividades de Biblioterapia.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2005.

AMORIM, Patrícia (Adap.). **Os três porquinhos**. Blumenau : Sabida, [200?]
(Coleção Clássicos Inesquecíveis).

AQUINO, Gilda Radler de; MORAES, Odilon. **Por que o céu chora**. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

BELLI, Roberto. **O flautista de Hamelin**. [s.l.]: Brasileitura, [200?]. (Coleção Clássicos de Ouro).

DRUCE, Arden. **Bruxa, bruxa venha a minha festa**. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

FAULKNER, Keith. **O ursinho apavorado**. ilustrações de Jonathan Lambert. Tradução de Vítor Kaiser. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

HARKER, Lesley. **As fadas de Maria**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2005.

HISTÓRIAS de magias e encantos. São Paulo: DCL, 2002. (Coleção Clássicos de Sempre).

JOLY, Fanny; ROCHUT, Jean-Noël. **Quem tem medo de dragão?** Tradução de Monica Stahel; Irami B. Silva. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ORTHOF, Sylvia. **Maria-vai-com-as-outras**. São Paulo: Ática, 1996.

PERRAULT, Charles. **A bela adormecida no bosque**. São Paulo: Global, 2003. v.4 (Coleção Literatura em Minha Casa).

TRIVIZAS, Eugene. **Os três lobinhos e o porco mau**. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

TICKLE, Jack. **A galinha feliz.** São Paulo: Ciranda Cultural, [200?]. (Coleção Pop-Up Surpresa).